

UNIVERSIDADE DE ITAÚNA

MANUAL DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Ms. Eunice Batista Gonçalves
Dra. Glória Maria de Pádua Moreira
Dr. Lúcio Aparecido Moreira
Dra. Maria José de Moraes Pereira
Dra. Patrícia Martins

**ITAÚNA
2018**

Ms. Eunice Batista Gonçalves
Dra. Glória Maria de Pádua Moreira
Dr. Lúcio Aparecido Moreira
Dra. Maria José de Moraes Pereira
Dra. Patrícia Martins

MANUAL DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Manual de Trabalhos Acadêmicos da Universidade de Itaúna, oferecido aos alunos para orientação na elaboração dos trabalhos a serem realizados nos cursos de graduação desta Universidade.

ITAÚNA
2018

APRESENTAÇÃO

A Universidade de Itaúna busca, com este trabalho, suprir as necessidades da comunidade acadêmica fornecendo aos discentes as normas indispensáveis para que sejam capazes de produzir trabalhos das disciplinas de graduação, artigos científicos, monografias, trabalhos de conclusão de curso e dissertações.

Este documento segue as normas aprovadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas-ABNT. Apresentamos aqui apenas informações básicas que consideramos indispensáveis para a apresentação de um bom trabalho acadêmico e científico.

Na elaboração desses trabalhos é necessário que o autor siga normas padronizadas e devidamente aprovadas pela ABNT. A utilização das normas técnicas contribui para uma boa apresentação e compreensão da leitura. Dessa forma, é essencial a padronização utilizando-se as normas determinadas pelo órgão normalizador.

A ABNT apresenta normas gerais e algumas regras opcionais que permitem ao autor e às instituições definirem seus próprios critérios. Diante disso, optamos por utilizar os critérios que consideramos significativos e indispensáveis para a compreensão de qualquer leitor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, queremos agradecer a todos aqueles que, dia a dia, contribuem para o sucesso de nossa vida acadêmica, tanto dirigentes, como professores, funcionários, de todas as categorias que, com o seu amor à Universidade de Itaúna, ajudam a construí-la e a torna-la uma referência na região em que está situada.

Agradecemos a todos os professores da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica, em suas diversas denominações, que vêm, no decorrer desses últimos anos, se dedicando para que nossa universidade represente uma referência de vida acadêmica em nosso país.

Agradecemos a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, deixaram aqui sua contribuição, especialmente ao Prof. Otto Johann V.N. Baumgarth (*in memoriam*), professor da disciplina durante muitos anos na Universidade de Itaúna cujas instruções influenciaram em muito este Manual.

Ao nosso querido Reitor, Dr. Faiçal David Freire Chequer, cujo espírito de luta, permanente atualização e inteligência administrativa vêm coroar e premiar os esforços de todos nós que trabalhamos nesta universidade.

A Comissão Organizadora

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa
Figura 2	Anverso da Folha de Rosto
Figura 3	Verso da Folha de Rosto
Figura 4	Dedicatória
Figura 5	Agradecimentos
Figura 6	Epígrafe
Figura 7	Resumo
Figura 8	Abstract
Figura 9	Lista de Figuras
Figura 10	Lista de Tabelas
Figura 11	Lista de Abreviaturas e siglas
Figura 12	Sumário

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 TRABALHOS ACADÊMICOS	8
2.1 O que é um trabalho acadêmico	8
2.1.1 <i>Aspecto didático</i>	9
2.1.1.1 Levantamento bibliográfico.....	9
2.1.1.2 Leitura.....	10
2.1.1.3 Fichamento	11
2.1.1.4 Resumos	13
2.1.1.5 Citações	14
2.1.1.6 Eventos didáticos acadêmicos no curso de graduação.	17
2.1.1.7 Algumas noções que interessam para o uso da Biblioteca	19
2.1.2 <i>Aspecto científico</i>	21
2.1.2.1 Linguagem Científica	21
2.1.2.2 Trabalhos de redação científica	22
2.2 Estrutura material (NBR 14724/2011).....	24
2.2.1 <i>Elementos Pré-Textuais</i>	25
2.2.2 <i>Formatação do trabalho científico</i>	36
2.3 Quadro comparativo dos tipos de trabalhos acadêmicos	39
3 PROJETO DE PESQUISA	40
3.1 O que é e para que serve – diversas finalidades do projeto	40
3.2 Partes	41
4 O RELATÓRIO DE PESQUISA	44
4.1 O que é e como tem sido utilizado	44
4.2 Elementos do Relatório	44
4.3 Conceituação dos elementos do Relatório de Pesquisa	45
4.3.1 <i>Partes essenciais</i>	45
4.3.2 <i>Introdução</i>	45
4.3.3 <i>Desenvolvimento</i>	45
4.3.4 <i>Conclusão ou considerações finais</i>	46
4.3.5 <i>Referências</i>	47
4.2.6 <i>Anexos</i>	51

5 NORMAS INTERNACIONAIS	52
5.1 Explicação sobre as Normas de Vancouver, de uso internacional	52
5.2 Apresentação destas Normas	52
6 CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	75

1 INTRODUÇÃO

Este Manual foi concebido para possibilitar, de forma simples e o mais objetiva possível, que os alunos da Universidade de Itaúna pudessem responder a estas perguntas: o que é um Trabalho Acadêmico? Quais as condições necessárias para a sua elaboração? Como chegar ao final de uma pesquisa e como torná-la pública?

Desta forma, estabeleceram-se alguns objetivos, quais sejam: um, geral, que é o de atender às necessidades desta Universidade no que diz respeito ao correto modo de elaboração dos trabalhos acadêmicos; e, outros, específicos, que respondem às questões acima colocadas, isto é, o que é um trabalho acadêmico, que tipos existem, quais as suas partes, sob que Normas eles devem ser elaborados, em que se fundamentam os trabalhos acadêmicos.

Assim, no primeiro capítulo, vamos tratar dos Trabalhos Acadêmicos em geral, seus aspectos didático e científico, da sua estrutura material e, ainda, da Leitura e seu suporte, a Biblioteca, base para todo e qualquer trabalho acadêmico.

No segundo capítulo, trataremos do Projeto de Pesquisa e suas características próprias, suas partes, cuja ordem e definição são uma sugestão, desde que as concepções do que seja o Projeto de Pesquisa e como ele se constitui são múltiplas.

No terceiro capítulo, falaremos do Relatório de Pesquisa, relacionando sua elaboração aos itens dos capítulos anteriores para que se veja a semelhança nos procedimentos e a necessária adequação ao método científico como ele é concebido atualmente.

No quarto capítulo estão apresentadas as Normas Internacionais, as de Vancouver, diferentes das Normas da ABNT, que orientam a elaboração de todo este Manual, mas muito necessárias para quem pretende publicar artigos em periódicos das áreas das ciências exatas e médicas.

Na Conclusão, vamos oferecer um descortino do Manual como um todo, tendo em vista que ele seja útil a todos os alunos da Universidade de Itaúna.

As Referências indicam quais foram os autores e obras a que nos referimos no texto, seja como exemplo, seja como orientação na elaboração deste Manual.

Os Anexos são, como o próprio nome indica, informações adicionais para o aluno que quiser aprofundar um pouco mais nos assuntos tratados aqui.

2 TRABALHOS ACADÊMICOS

2.1 O que é um trabalho acadêmico

A universidade é o local de produção de conhecimento dentro das normas científicas, isto é, o que se produz aí precisa estar de acordo com alguns procedimentos, para que tenha credibilidade e possa ser aceito pela Comunidade Científica.

Deste modo, uma primeira exigência que se faz é que as afirmações feitas nele estejam fundamentadas em textos de domínio público – publicados – por pessoas reconhecidamente aceitas dentro do âmbito acadêmico. Tais textos se encontram nas Bibliotecas, local onde ficam armazenados ou, hoje, em outros dispositivos digitais e sites eletrônicos, que correspondem a uma versão moderna das mesmas.

Em um trabalho acadêmico deve-se evitar a primeira pessoa do singular dos verbos, procurar falar de forma impessoal, pois, desde que publicado, este texto passará a fazer parte do acervo de conhecimentos produzidos na academia e já não pertencerá ao seu criador, a não ser nas referências e citações que serão feitas por outros do que aí está sendo afirmado. É deste modo que o autor aparece, quando outros leitores encontram nele uma forma de expressar as suas próprias ideias.

Este tipo de elaboração intelectual serve, tanto para atender à necessidade de se fazer uma proposta de trabalho futuro em algum setor da Universidade ou grupo de pesquisa, ou ainda para o ingresso em um curso de Pós-Graduação, como projeto de pesquisa, quanto quando da solicitação de um professor de uma disciplina, para efeito de avaliação mensal ou semestral. Serve, ainda, para demonstrar o grau de conhecimento atingido ao se finalizar um curso de graduação - quando o aluno apresenta o seu Trabalho de Conclusão de Curso -, ou, numa Pós-Graduação, ao finalizar a pesquisa realizada, se venha a relatar os resultados obtidos, seja numa Pós-Graduação *latu senso*, numa Pós Graduação *stricto sensu*, Mestrado, Doutorado ou Pós-Doutorado ou num relatório de pesquisa dentro da rotina de funcionamento dos diversos grupos de pesquisa que desenvolvem projetos e publicam seus resultados para acesso de toda a Comunidade Científica.

Quando o aluno chega à Universidade, abre-se para ele um novo universo de desenvolvimento intelectual, a possibilidade do aprendizado dos conhecimentos científicos já produzidos e também a possibilidade dele próprio aprender como se produz conhecimento e

isto vai solicitar dele a atenção a um certo número de Normas que, de um modo ou de outro, já estão sendo seguidas pelos seus professores, instrutores, coordenadores e orientadores.

Este Manual se propõe a apresentar dois tipos de trabalhos acadêmicos que, basicamente, deverão orientar os alunos desta Universidade no seu dia a dia de sua elaboração, colocando as exigências mínimas que se pede para que sua apresentação e desenvolvimento possam ser considerados de acordo com a tradição de produção de conhecimento científico: o Projeto de Pesquisa e o Relatório de Pesquisa.

De fato, todo o movimento de busca de conhecimentos já produzidos e o de busca de novos conhecimentos à luz do que já está à disposição de quem pretende alcançar novos patamares de informação, se resume em uma *pesquisa*.

Ao atingir o que se pretendeu nesta busca, no esforço de tornar pública esta pesquisa, faz-se um *relatório* dela, que, salvo no item colocado na Folha de Rosto (p. 27) do trabalho acadêmico, que designa a finalidade do que se está apresentando, não difere em nenhum momento em todos os níveis de conhecimento praticados na Universidade, da sala de aula aos mais altos níveis de elaboração científica.

2.1.1 Aspecto didático

2.1.1.1 Levantamento bibliográfico

Um dos primeiros passos a serem dados, depois que se formulou o problema de pesquisa, de forma clara e distinta, é escolher algumas palavras, que nós vamos chamar de *palavras-chave*, que dizem respeito ao que pretendemos conhecer.

Por exemplo:

Se nosso problema é saber qual o papel dos gerentes em uma determinada empresa e esta possui uma cultura organizacional própria; e, para isto fizemos a pergunta: *Que papel têm os gerentes dentro da cultura organizacional da empresa Tal?* Então podemos levantar como palavras-chave, *Cultura, cultura organizacional, liderança* (supõe-se, hoje, que os gerentes sejam líderes ou ocupem uma posição de liderança).

Outro exemplo:

Se nosso problema é saber como se pode implantar, dentro de uma empresa de médio porte, um sistema de controle de qualidade e, para isto, fizemos a pergunta: *Como é feita a implantação de um sistema de controle de qualidade em uma empresa de médio porte?*

Podemos, então, levantar como palavras-chave: *Sistema, controle de qualidade, empresa de médio porte*.

De posse destas palavras-chave, vamos à Biblioteca, buscar fontes que possam nos situar dentro deste *tema*.

Se formulamos esta pergunta, que expressa um problema: Que papel têm os gerentes dentro da cultura organizacional da empresa Tal? Podemos projetar fazer uma pesquisa sobre o tema: O papel dos gerentes dentro das organizações; ou ainda: A Empresa Tal: o papel dos gerentes como líderes no contexto da cultura organizacional; ou também: Cultura Organizacional: a importância dos gerentes como fator de liderança, um estudo de caso na Empresa Tal.

Cada um desses temas tem objetivos diferentes e metodologias também diferenciadas, que se anunciam na formulação do problema.

O *problema* é formulado através de uma *pergunta*, expressa por uma *frase interrogativa* [.....?].

O *tema* é expresso por uma *frase afirmativa*, com o mesmo conteúdo da frase interrogativa utilizada para formular o problema.

Muitas vezes, ao fazermos nossa pesquisa bibliográfica, acabamos mudando a direção inicial proposta pelo tema escolhido, embora nosso problema possa continuar o mesmo. Mas, ao ler algo sobre o que nos preocupa, o entendemos melhor, alguns pontos são esclarecidos e nossas ideias sobre o problema se alargam, ficamos sabendo mais e melhor sobre o assunto.

Daí a importância da pesquisa bibliográfica inicial, logo quando formulamos o problema e escolhemos o tema de que vamos tratar. Mais tarde, vamos ler mais, porque precisaremos *fundamentar* nossa pesquisa em teorias já existentes, tomamos conhecimento do *estado da arte* relacionado ao nosso tema. Esta pesquisa inicial certamente nos ajudará muito a realizar mais esta tarefa.

2.1.1.2 Leitura

Esta sociedade em que vivemos, que também se denomina sociedade da ciência e da tecnologia, através dos anos tem armazenado os conhecimentos que produziu em forma de textos. Até o aparecimento do procedimento digital de gravação de informação, eram os livros a forma mais utilizada para isto. Daí a grande importância das Bibliotecas, para as cidades, os municípios, as escolas, quaisquer instituições educacionais, quaisquer instituições que lidem com a informação.

Uma das coisas que mais se pede a um aluno de um curso universitário é que leia, que aprenda a ler com atenção e expressar o que leu, com as suas palavras, entendendo o significado do que está escrito.

Todo e qualquer trabalho acadêmico deve ser fundamentado em textos já publicados, isto é, que já estejam fazendo parte do domínio público. Mesmo se não estão armazenados em uma biblioteca, estes textos, publicados, podem vir a ser úteis na elaboração dos trabalhos de graduação e também dos outros níveis e graus superiores, dentro da universidade.

Não estamos dizendo aí que estes textos possam ser copiados, como se fossem nossos. Ao contrário, é de praxe que façamos o leitor saber a sua origem, quem o escreveu e onde é que o conseguimos. Estas são informações que vêm, seja no final das citações, nos parágrafos em que se expressam as ideias lidas, seja nas Referências.

2.1.1.3 Fichamento

Fichamento dos aportes teóricos: ponto de partida para a escrita acadêmica

- O Fichamento é uma parte importante para a efetivação do estudo ou da pesquisa.
- Os registros e a organização das fichas depende da capacidade de organização de cada um.
- Os registros podem ser feitos em folhas de papel comum ou em um programa de banco de dados de um computador.

Existem três tipos básicos de fichamentos:

- o fichamento bibliográfico,
- o fichamento de resumo ou conteúdo
- o fichamento de citações.

Ficha Bibliográfica

- É a descrição, com comentários, dos tópicos abordados em uma obra inteira ou parte dela.

Ficha de Resumo ou Conteúdo

- “É uma síntese das principais ideias contidas na obra. O leitor, ou o pesquisador elabora esta síntese com suas próprias palavras, não sendo necessário seguir a estrutura da obra.” (ASSIS, [s/d], p. 26). Dessa forma, ele produz uma paráfrase.

Paráfrase.¹

- As ideias são expressas na linguagem de quem as cita. “É preciso ter em mente, neste caso, que ao parafrasear está-se implicitamente reivindicando a sua autoria e é por isso muito importante que as palavras e a sintaxe utilizadas sejam realmente próprias.” (SILVA, [s/d], p. 2).
- “Não se pode apresentar como paráfrase aquilo que seria, real e legitimamente, uma citação textual.” (SILVA, [s/d], p. 2).

Ficha de Citações

- É a reprodução fiel das frases que se pretende usar como citação na redação do trabalho.
- Observação: O plágio não se caracteriza apenas pela transcrição de frases inteiras de um outro autor. Pode-se considerar plágio também a transcrição, sem marcação de autoria, de uma simples expressão ou mesmo de uma ideia.

Exemplo de paráfrase

Texto original:

[...] proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso (FOUCAULT, [s/d], p. 17, *apud* SILVA, [s/d], p. 6).

Exemplo de uma falsa paráfrase

Foucault não argumenta que o sexo tenha sido proibido e bloqueado desde a época clássica ou que tenha sido menos depois disso. Ele tampouco diz que a proibição do sexo seja um ilusão. A ilusão, para ele, está em fazer dessa proibição o elemento central e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do sexo na Idade Moderna. Para Foucault, todos os traços negativos, tais como proibições, recusas e negações, que para a hipótese repressiva constituiriam um grande mecanismo central da negação, não passam de peças que têm uma função local e tática num aparato discursivo, numa técnica de poder, numa vontade de saber que não se reduzem a isso. (FOUCAULT, [s/d], p. 17, *apud* SILVA, [s/d], p. 6).

Exemplo de uma paráfrase autêntica

Foucault não pretende negar que depois da Época Clássica houve uma forte repressão do sexo. A questão, para ele, não está em negar a realidade dessa repressão. O que ele questiona é que se possa compreender a história do sexo na Idade Moderna tendo essa

¹ Este esquema foi realizado com base em um texto acadêmico de Tomaz Tadeu da Silva, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inclusive os exemplos que foram literalmente transcritos da apostila original, cuja referência integral consta no final deste Manual.

repressão como elemento central. Para Foucault, não é a negação do sexo que é o mais importante, mas sim as formas pelas quais o sexo foi colocado em um discurso que é parte integrante de um processo mais amplo, constituído, além disso, por técnicas de poder e por uma vontade de saber. (SILVA, [s/d], p. 6).

2.1.1.4 Resumos

Este texto que consideramos adequado para a elaboração de resumos foi copiado do Guia de Produção Textual da PUCRS (SCARTON; SMITH, 2002, *on line*)², *Como elaborar resumos de textos científicos*:

“Resumir é o ato de ler, analisar e traçar em poucas linhas o que de fato é essencial e mais importante para o leitor.” (SCARTON; SMITH, 2002, *on line*)³

O fato de nos esforçarmos para entender um texto a ponto de ser capaz de retirar dele apenas as ideias principais, nos possibilita internalizá-las e o risco de esquecê-las é menor.

Se conseguirmos criar, no nosso dia a dia, o hábito de sintetizar textos ou capítulos longos de modo que dominemos o seu conteúdo, isto pode nos ajudar no momento de estudar qualquer disciplina.

O hábito de elaborar resumos nos ajuda na memorização de textos escritos e, também, de textos falados, quando, por exemplo, ao assistir a uma palestra, tomamos nota das ideias principais aí expressas.

O resumo, portanto, tem por objetivo apresentar com fidelidade ideias ou fatos essenciais contidos num texto. Sua elaboração envolve habilidades como leitura competente, análise detalhada das ideias do autor, discriminação e hierarquização dessas ideias e redação clara e objetiva do texto final. [...] Dominar a técnica de fazer resumos é de grande utilidade para qualquer atividade intelectual que envolva seleção e apresentação de fatos, processos, ideias, etc. (SCARTON; SMITH, 2002, *on line*)⁴.

O resumo pode se apresentar de várias formas, conforme o objetivo a que se destina. No sentido estrito, padrão, deve reproduzir as opiniões do autor do texto original, a ordem como essas são apresentadas e as articulações lógicas do texto, sem emitir comentários ou juízos de valor. Trata-se, neste caso, de reduzir o texto mantendo sua estrutura e seus pontos essenciais.

Quando não há a exigência de um resumo formal, o texto pode igualmente ser sintetizado de forma mais livre, variando-se a sua estrutura. (Exemplo: "No texto tal..., de (nome do autor)..., publicado em..., o autor apresenta/ analisa/ critica/ questiona...(tema)”).

² <http://www.pucrs.br/manualred/resumos.php>

³ <http://www.pucrs.br/manualred/resumos.php>

⁴ <http://www.pucrs.br/manualred/resumos.php>

Em qualquer tipo de resumo dois cuidados são indispensáveis: buscar a essência do texto e manter-se fiel às ideias do autor.

Há quem diga que, quando somos capazes de resumir um texto ou uma palestra é porque os entendemos o suficiente para poder reproduzir o que dizem.

Orientações para fazer um bom resumo:

- 1- Fazer a leitura flutuante (leitura rápida, de uma só vez) para identificar a ideia principal do texto.
- 2- Identificar as palavras chave.
- 3- Fazer o resumo dos parágrafos.
- 4- Redigir o resumo do texto seguindo os resumos dos parágrafos.
- 5- Rer ler o resumo verificando a sua coesão e clareza.

2.1.1.5 Citações⁵

“Aprendemos até aqui que a estrutura do trabalho científico é essencial para uma base comum de elaboração dos trabalhos. Já imaginou se cada pessoa criasse sua norma para o trabalho científico? Teríamos capas azuis, verdes, rosas, vermelhas....textos formatados das mais diversas maneiras [...]”(AMARAL; MOREIRA, 2008, p. 37).

Além das regras gerais, a ABNT estabelece também, regras para o uso de citações no corpo do texto. A norma da ABNT NBR 10520 (ABNT, 2002b) define as formas que as citações devem ter em documentos.

Mas afinal de contas, você sabe o que é uma *citação*?

Citação é a “[...] menção de uma informação extraída de outra fonte” (ABNT,2002b,p. 1). Para que um texto se torne científico, o seu conteúdo deve ter o respaldo de outros autores, confirmando, completando, explicando as argumentações do autor do texto científico.

Na verdade, há algumas formas de fazer uma citação e por isso, vamos explicar uma a uma, para o seu melhor entendimento.

a) *Citação Direta ou Textual*

A citação direta, conhecida também como textual é a “[...] transcrição textual de parte da obra do autor consultado” (ABNT,2002b, p.1). É a cópia literal do texto de outro autor. Pode ser usado várias vezes, desde que tenha coerência e que aquela citação sirva para ajudar a tornar mais clara a escrita do seu texto.

⁵ O texto aqui apresentado foi organizado por um dos professores responsáveis pela elaboração deste Manual, para uma outra instituição mineira, tendo sido copiado quase integralmente. Este item, especificamente acompanha a redação dada em texto à disposição, no site: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met08.htm>.

Existem dois tipos de citações direta ou textual:

- *Citação Direta Curta* (com até 3 linhas digitadas) - Deve ser feita na continuação do texto, entre aspas.

1- Ex.: Maria Ortiz, moradora da Ladeira do Pelourinho, em Salvador, que de sua janela jogou água fervendo nos invasores holandeses, incentivando os homens a continuarem a luta. Detalhe pitoresco é que na hora do almoço, enquanto os maridos comiam, as mulheres lutavam em seu lugar. Este fato levou os europeus a acreditarem que "[...] *o baiano ao meio dia vira mulher*" (MOTT, 1988, p. 13, grifo nosso *apud* AMARAL; MOREIRA, 2008, p. 38).

Obs.: MOTT - autor que faz a citação.

1988 - o ano de publicação da obra deste autor nas Referências.

p. 13 - refere-se ao número da página onde o autor fez a citação.

Grifo nosso - a citação foi colocada em itálico. Poderia ser também colocada em negrito, ou sublinhada.

Porém, quando já vier com o destaque do próprio autor do texto, deve-se colocar *grifo do autor*.

- *Citação Direta Longa* (com mais de 3 linhas digitadas) - As margens são recuadas à esquerda em 4 cm, com espaçamento simples (o texto deve ser digitado em espaçamento simples), com a letra tamanho 10 (TNR) e sem aspas. O itálico é opcional, embora desnecessário.

2- Ex.: Além disso, a qualidade do ensino fornecido era duvidosa, uma vez que as mulheres que o ministravam não estavam preparadas para exercer tal função.

[...] A maior dificuldade de aplicação da lei de 1827 residiu no provimento das cadeiras das escolas femininas. Não obstante sobressaírem as mulheres no ensino das prendas domésticas, as poucas que se apresentavam para reger uma classe dominavam tão mal aquilo que deveriam ensinar que não logravam êxito em transmitir seus exíguos conhecimentos. Se os próprios homens, aos quais o acesso à instrução era muito mais fácil, se revelavam incapazes de ministrar o ensino de primeiras letras, lastimável era o nível do ensino nas escolas femininas, cujas mestras estiveram sempre mais ou menos marginalizadas do saber. (SAFFIOTI, 1977, p. 193, *apud* AMARAL; MOREIRA, 2008, p. 39)..

OBS: quando o sobrenome do autor está inserido no texto, ele é citado com fonte normal. Quando está dentro do parêntese, ele vem em caixa alta, ou seja, todo em letra maiúscula.

b) Citação Indireta ou livre

Essa citação acontece quando você lê um texto, extrai a ideia dele e escreve com suas palavras: faz uma *paráfrase*. Você pode utilizar a citação do autor quando achar necessário, desde que explicita que aquela ideia não é sua, mas do autor que você leu.

Na citação indireta ou livre, é *opcional* o uso do número da página de onde foi retirada a ideia. Nessas citações, pode-se utilizar o autor fora do contexto do trecho ou dentro do

contexto do trecho. A única diferença é que, quando o autor estiver fora do contexto, ele vem dentro do parêntesis, em caixa alta [todo em letra maiúscula].

- 3- Ex.: Somente em 15 de outubro de 1827, depois de longa luta, foi concedido às mulheres o direito à educação primária, mas mesmo assim, o ensino da aritmética nas escolas de meninas ficou restrito às quatro operações. Note-se que o ensino da geometria era limitado às escolas de meninos, caracterizando uma diferenciação curricular. (COSENZA, 1993 *apud* AMARAL; MOREIRA, 2008, p.38).

Ou, como no exemplo abaixo:

Segundo Cosenza (1993), somente em 15 de outubro de 1827, depois de longa luta, foi concedido às mulheres o direito à educação primária, mas mesmo assim, o ensino da aritmética nas escolas de meninas ficou restrito às quatro operações. Note-se que o ensino da geometria era limitado às escolas de meninos, caracterizando uma diferenciação curricular. AMARAL; MOREIRA, 2008, p.38).

c) Citação de Citação

A citação de citação acontece quando você não tem acesso à fonte original e quer citar algo que o autor do texto que você está lendo já citou. Somente a referência completa do documento consultado deverá estar listada nas referências, ao final do trabalho.

Se, ao redigir a citação de citação, o autor estiver inserido no contexto do texto, deve-se utilizar o termo *citado por*. Se o autor estiver dentro do parêntesis, deve-se utilizar a expressão latina *apud*, que tem o mesmo significado.

- 4- Ex.: O Imperador Napoleão Bonaparte dizia que "[...] *as mulheres nada mais são do que máquinas de fazer filhos*." (BONAPARTE *apud* LOI, 1988, p. 35, *apud* AMARAL; MOREIRA, 2008, p. 39).

Já a entrevista, segundo Nisbet citado por Ropé e Tanguy (1997, p. 17) é muito importante pois “[...] as palavras são testemunhos muitas vezes mais bem compreendidos do que os documentos, comportam múltiplas implicações e estão associadas a escolhas partidárias”. (*apud* AMARAL; MOREIRA, 2008, p. 40).

Em citações, pode-se utilizar alguns indicadores:

[...] *supressões*: Este símbolo é utilizado quando parte de uma citação que você selecionou para utilizar no seu texto vai desfocar o sentido do seu texto. Nesse caso você retira o trecho e coloca o sinal de supressão para evidenciar que você retirou uma parte do texto. Cuidado para que, ao retirar o trecho, não mude o sentido do texto do autor.

[] *interpolações, comentários ou acréscimos*: Este símbolo é utilizado para que você faça intervenções no contexto da citação, sem comprometer o texto do autor.

Ênfase ou destaque: Para dar ênfase ou destaque em algum termo, você pode utilizar o negrito ou itálico ou sublinhado.

2.1.1.6 Eventos didáticos acadêmicos no curso de graduação.

Conferência – é uma das formas de reunião informativa que se caracteriza pela exposição feita por autoridade em determinado assunto para grande número de pessoas. Exige a presença de um presidente de mesa para condução dos trabalhos, sendo bem mais formal que uma palestra. As perguntas acontecem somente por escrito e devidamente identificadas, bem ao final da exposição.

Palestra - “[...] é um evento caracterizado pela apresentação de um tema, por um especialista, a um grupo de pessoas com interesses comuns. Após a apresentação, é aberta a possibilidade para questionamentos.” (TJPR, *on line*)⁶

Simpósio – é uma reunião para a discussão de um determinado tema, sem que haja intenção de apresentar conclusões, mas apenas impressões, proposições. A diferença entre o Simpósio e a Mesa Redonda é que nele os expositores não debatem entre si os temas que estão sendo apresentados.

Seminário – método de estudo do nível universitário, promove o contato profundo com o texto buscando a mensagem central e promovendo a discussão sobre o tema.

⁶ http://portal.tjpr.jus.br/c/document_library/get_file?folderId=131716&name=DLFE-5932.pdf..

Debate – a partir de um tema, um grupo de alunos apresenta argumentos comprovando um posicionamento. Esses argumentos serão refutados por outro grupo de alunos. No debate há a necessidade de um moderador, para dar sequência e organização ao evento.

Mesa redonda – “É uma reunião preparada e conduzida por um moderador, que orienta a discussão, para que se atenda ao tema proposto. Os participantes da mesa apresentam os seus pontos de vista sobre o assunto em pauta, num tempo determinado. Em seguida, eles debatem entre si, podendo haver a participação dos presentes, em forma de perguntas.” (TJPR, *on line*)⁷

Painel - “[...] a diferença entre *Mesa- Redonda* e *Painel* é que, neste, os expositores debatem entre si o assunto, cabendo ao público apenas assistir à polêmica, sem direito a perguntas.” (TJPR, *on line*)⁸

Oficina – um evento dividido em duas partes: teórica e prática. Os participantes realizam a prática de uma atividade e tentam encontrar soluções para o problema proposto.

Resumo de trabalho – “[...] é o ato de ler, analisar e traçar em poucas linhas o que de fato é essencial e mais importante para o leitor”. (SCARTON; SMITH, 2002, *on line*)⁹. Este resumo é acompanhado das palavras chave. (1.1.1.4)

Relatórios – item 3.2.3.4

Artigo de Revisão de Literatura – apresentação em formato de artigo dos estudos, de um determinado tema, em diversos autores. Fazem parte do artigo de revisão: título, autor, instituição, resumo (palavras chave), justificativa, objetivos, metodologia, resultados e discussão, conclusão e referências.

⁷ http://portal.tjpr.jus.br/c/document_library/get_file?folderId=131716&name=DLFE-5932.pdf..

⁸ http://portal.tjpr.jus.br/c/document_library/get_file?folderId=131716&name=DLFE-5932.pdf..

⁹ <http://www.pucrs.br/manualred/resumos.php>.

2.1.1.7 Algumas noções que interessam para o uso da Biblioteca

Na maioria das Bibliotecas, inclusive a nossa, são utilizados, ora o Sistema de Classificação de Dewey (CDD), ora o Sistema de Classificação Decimal Universal (CDU), para facilitar a catalogação das obras e o acesso dos leitores às estantes do acervo.

Ambos os sistemas trabalham com uma classificação decimal, isto é, dividem as áreas de estudo em dez itens, subdividindo-as, conforme a divisão de disciplinas que as compõem, originando números que indicam a que área ou disciplina pertence aquela obra que estamos buscando na Biblioteca.

A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (sistema utilizado pelas Bibliotecas em geral):

- 100 – Filosofia
- 200 – Religião
- 300 – Ciências Sociais
- 400 – Filologia e Linguística
- 500 – Ciências Puras
- 600 – Ciências Aplicadas
- 700 – Belas Artes
- 800 – Literatura
- 900 – Biografia, Geografia e História
- 000 – Obras Gerais

Segue, no quadro abaixo, um exemplo:

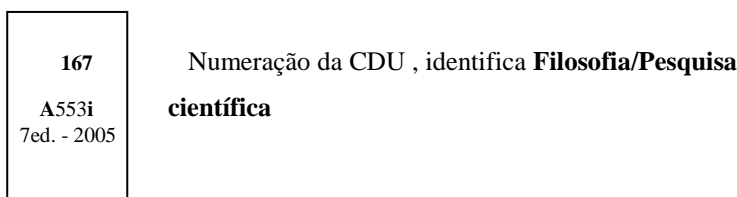
Exemplo:

A Metodologia Científica faz parte da área da Filosofia (100), pois se originou na Filosofia da Ciência (160, possivelmente). Quanto mais números houver na lombada do livro, mais especializada naquela área é a obra.

- Então vamos ter:
- 167 - Pesquisa, investigação científica (número que identifica as obras que tratam da investigação científica)
 - 167.1 - o problema (número que identifica as obras que estudam o problema de pesquisa)
 - 167.2 - o processo analítico (número que identifica as obras que estudam o processo de coleta e análise de dados para uma pesquisa)
 - 167.22 – observação (número que identifica as obras que estudam a observação entre os diferentes instrumentos de coleta de dados)
 - 167.23 – experimentação ((número que identifica as obras que estudam o processo de experimentação relacionado à pesquisa científica, por exemplo o que ocorre nos laboratórios).

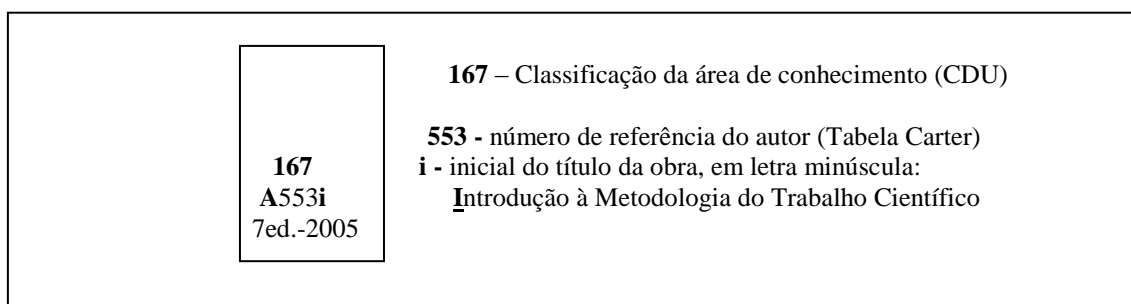
Os Manuais que orientam esta classificação estão em poder dos responsáveis pelas bibliotecas.

Esta numeração fica no alto da etiqueta, colada no dorso dos livros, na lombada, visível nas prateleiras



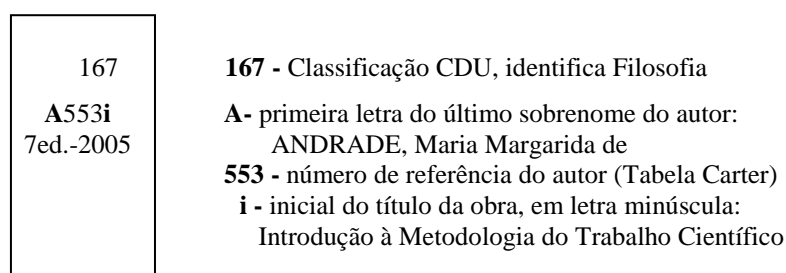
já ordenados nas estantes e pode nos orientar sobre como nos movermos dentro de uma grande Biblioteca, pois podemos nos dirigir diretamente, para o número indicado nas estantes, correspondente à área de estudo que estamos buscando.

Além disso, há a Tabela Carter, que faz a notação do autor, mais a notação do título das obras.



Para isto, dela consta uma lista de sobrenomes, em ordem alfabética, que o Bibliotecário anota, correspondente ao último sobrenome do autor da obra, na etiqueta que fica no dorso dos livros que fazem parte do acervo.

Então, ao anotarmos a referência de um livro qualquer no arquivo da Biblioteca, vamos ter um grupo de letras e números, mais ou menos assim:



O Título do livro é: Introdução à Metodologia do Trabalho Científico.

E o nome do autor é: Maria Margarida de Andrade (ANDRADE, Maria Margarida de, nas normas da ABNT para as Referências).

Para quem faz uma pesquisa, a Ficha Catalográfica é de grande interesse. Ela se situa nas páginas iniciais de qualquer livro e traz uma série de informações importantes sobre a área de conhecimento, a subárea em que se situa a obra, *para facilitar o trabalho de classificação*

do bibliotecário, além dos dados a respeito das pessoas envolvidas com a sua produção: autor, tradutor, editor, local em que foi publicada, data de publicação. Estes dados vão ser valiosos para o pesquisador, quando ele for elaborar as Referências de seu trabalho, o que veremos mais tarde.

Entretanto, ao realizar qualquer trabalho acadêmico, *as Normas que ele deve seguir serão as da ABNT* e o resultado final é bastante diferente do exemplo de Ficha Catalográfica. Mas o que está indicado nela, deve ser aproveitado como informação relevante quando da elaboração do trabalho.

FICHA CATALOGRÁFICA:

Severino, Antônio Joaquim, 1941 –

Metodologia do trabalho científico / Antonio Joaquim Severino – 22 ed. rev. e ampl. De acordo com a ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

Bibliografia.

ISBN 85-249-0050-4

1. Metodologia. 2. Métodos de estudo. 3. Pesquisa. 4. Trabalhos científicos. I. título.

02 – 0442

CDD-001.42

2.1.2 Aspecto científico

2.1.2.1 Linguagem Científica

Há, de modo geral, uma tendência a descuidar-se da linguagem quando se redige um trabalho científico ou técnico, talvez sob a alegação de que não se trata de trabalho literário. Importa respeitar, ao menos, os seguintes aspectos fundamentais (vide Anexo III) - (IMES, [s/d], p. 50)¹⁰:

- a) correção gramatical: convém sempre solicitar a contribuição de um conhecedor da língua e da gramática para nos auxiliar;
- b) exposição clara, concisa, objetiva, pois é uma redação científica;
- c) cuidado em evitar parágrafos extensos, construir períodos com, no máximo, duas ou três linhas, bem como parágrafos com cinco linhas cheias, em média e, no máximo, oito;

¹⁰ <http://www.ead.ftc.br/portal/upload/bacharelado/comuns/01-MetodologiadoTrabalhoAcademico-UNIASSELVI.pdf>

- d) linguagem direta, pois conduz mais facilmente o leitor à essência do texto, dispensando detalhes irrelevantes e indo diretamente ao que interessa, sem rodeios;
- e) precisão e rigor com o vocabulário técnico, sem cair no hermetismo, isto é, escrever frases de difícil compreensão;
- f) impessoalidade: contribui grandemente para a objetividade da redação dos trabalhos científicos, devendo-se usar verbos na terceira pessoa do singular ou primeira do plural;
- g) não começar períodos ou parágrafos seguidos com a mesma palavra, nem usar repetidamente a mesma estrutura de frase;
- h) evitar longas citações e relatar os fatos com o menor número possível de palavras;
- i) recorrer aos termos técnicos somente quando absolutamente indispensáveis e, nesse caso, colocar o seu significado entre parênteses;
- j) evitar palavras e formas empoladas ou rebuscadas, que tendem a transmitir ao leitor mera ideia de erudição;
- k) ser rigoroso na escolha das palavras do texto, desconfiando dos sinônimos perfeitos ou de termos que sirvam para todas as ocasiões;
- l) evitar o uso de termos com conotação emocional, gíria, expressões de uso popular.

2.1.2.2 Trabalhos de redação científica

Artigo: o artigo científico consiste na apresentação dos resultados da pesquisa ou estudo realizados a respeito de uma questão expressa de uma maneira sucinta. O artigo deve conter: a dúvida investigada, o objetivo, o referencial teórico utilizado, a metodologia empregada, os resultados alcançados.

Considera-se como didática para a elaboração de um artigo científico a estrutura que segue abaixo (SANTOS, 2010):

- Título: descreve de forma lógica, rigorosa, breve e gramaticalmente correta a essência do artigo. Por vezes, opta-se por títulos com duas partes (título e sub-título).
- Autor(es) e filiação (instituição a que pertence(m)). É frequente indicar também o endereço de correio eletrônico.
- Resumo: deve ter de 200 a 300 palavras.
- Palavras chave: de três a cinco, separadas por ponto.
- Introdução: ela fornece ao leitor o enquadramento para a leitura do artigo e deve esclarecer sobre a natureza do problema cuja resolução se descreve no artigo.

- Corpo do artigo: constitui a descrição de todos os pontos relevantes do trabalho realizado.
- Conclusões: devem ser enunciadas claramente e deverão cobrir o que é que o trabalho descrito no artigo conseguiu e qual a sua relevância; e as vantagens e limitações das propostas que o artigo apresenta.
- Referências – as obras consultadas para a elaboração deste artigo.

Monografia: Júlia Lessa França (1999, p. 33) explica deste modo o que é uma monografia, melhor, um trabalho acadêmico:

Por ser uma primeira experiência de relato científico, o trabalho acadêmico constitui-se numa preparação metodológica para futuros trabalhos de investigação. Por esta razão sua estrutura assemelha-se à das dissertações e teses, podendo restringir-se aos elementos considerados essenciais: capa, folha de rosto, sumário, resumo, texto e referências bibliográficas.

Segue, abaixo, um quadro sugestivo a respeito da Monografia:

A Monografia é	A Monografia não é
Um trabalho que observa e acumula observações;	Repetir o que já foi dito por outro, sem se apresentar nada de novo ou em relação ao enfoque, ao desenvolvimento ou às conclusões;
Organiza essas informações e observações;	Responder a uma espécie de questionário; não é executar um trabalho semelhante ao que se faz em um exame ou deveres escolares;
Procura relações e regularidades que pode haver entre elas;	Manifestar meras opiniões pessoais, sem fundamentá-las com dados comprobatórios logicamente correlacionados e embasados em raciocínio;
Indaga sobre os porquês;	Expor ideias demasiadamente abstratas, alheias tanto aos pensamentos, preocupações, conhecimentos ou desejos pessoais do autor da monografia como de sua particular maturidade psicológica e intelectual;
Utiliza de forma inteligente as leituras e experiências para comprovação;	Manifestar uma erudição livresca, citando frases irrelevantes, não pertinentes e malassimiladas, ou desenvolver perífrases sem conteúdo ou distanciadas da particular experiência de cada caso
Comunica aos demais seus resultados	

FONTE: Assis ([s/d], p. 39).

Dissertação: é assim definida pela Norma 14724 (ABNT, 2011, p. 2):

Documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor), visando a obtenção do título de mestre.

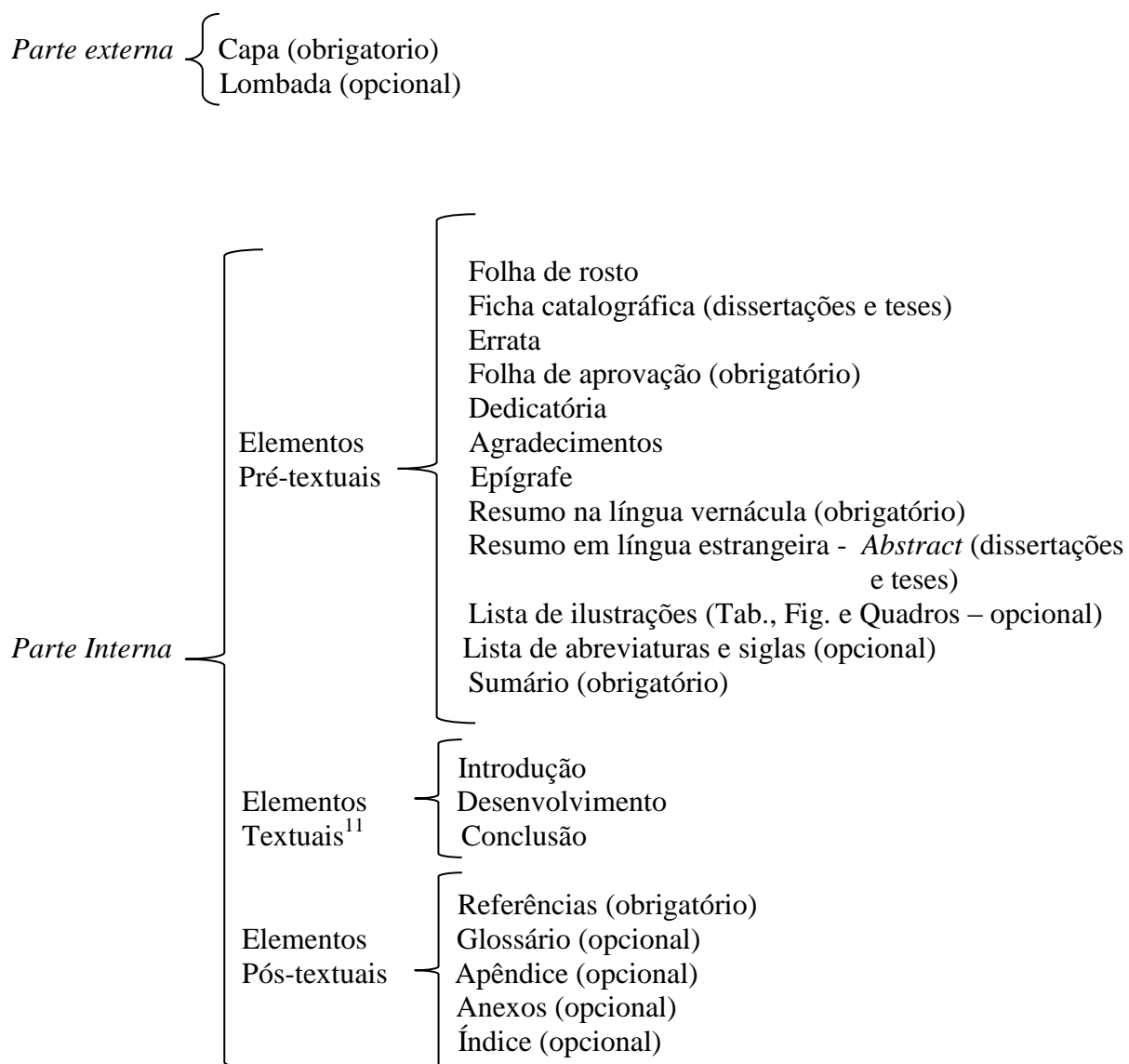
Tese: A Norma 14724 (ABNT, 2011, p. 4) assim a caracteriza:

Documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base

em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa a obtenção do título de doutor, ou similar.

2.2 Estrutura material (NBR 14724/2011)

O trabalho científico deverá ser organizado de acordo com a estrutura abaixo, que compreende a parte externa e a parte interna.



¹¹ “A nomenclatura dos títulos dos elementos textuais fica a critério do autor.” (ABNT, 2011, p. 5).

Dependendo da metodologia utilizada na elaboração do Trabalho Acadêmico, pode haver diferença de nomenclatura em algumas destas partes. Por exemplo:

a) Pesquisa Quantitativa

Introdução
Desenvolvimento
Referencial Teórico ou estado-da-arte
Materiais e métodos ou metodologia
Resultados
Discussão dos resultados
Conclusão

b) Pesquisa Qualitativa

Introdução
Desenvolvimento
Referencial Teórico ou estado-da-arte
Metodologia
Resultados
Discussão dos resultados
Conclusão ou Considerações Finais

2.2.1 Elementos Pré-Textuais

São computados para numeração, porém não são numerados.

2.2.1.1 Capa (elemento obrigatório)

Deve conter dados essenciais que identifiquem a obra: nome da instituição, o título do trabalho, autor, local, ano de depósito (entrega), nesta ordem.

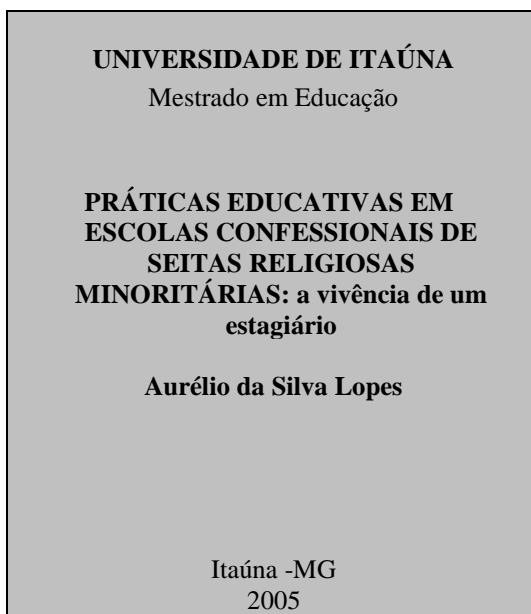


FIGURA 1 Capa

2.2.1.2 Lombada (elemento obrigatório para dissertações e teses)

Contendo o nome do autor e título em sentido longitudinal, de cima para baixo.

2.2.1.3 Folha de Rosto (elemento obrigatório) - NBR 14724 (ABNT, 2011)

Deve conter os elementos essenciais à identificação da obra e deve indicar a finalidade para a qual foi escrita.

2.2.1.3.1 Anverso da Folha de Rosto

No anverso da Folha de rosto deve constar:

- Autor – no alto da página, centralizado, a 3cm da borda superior, em letras menores do que as utilizadas para o título;
- título – no centro da página, em negrito, letra maiúscula;
- subtítulo (se houver), acompanhando o título, precedido de dois pontos, em destaque menor que o título, letra minúscula;
- nota de apresentação do trabalho, contendo a natureza do trabalho (monografia, dissertação ou tese), mencionando o nome da instituição à qual o trabalho foi apresentado e o grau pretendido; deve ser alinhado do meio para a direita; ela indica a finalidade para a qual o trabalho foi feito;
- área de concentração: após a nota de apresentação;

- nome completo do orientador(a) e co-orientador (se houver); a palavra orientador(a) deverá ser escrita somente com inicial maiúscula em negrito, com um espaçamento de 1,5cm da nota referente à natureza do trabalho;
- local (cidade) da instituição onde o trabalho será depositado (entregue), ano do depósito, Centralizados, um em cada linha, a 2cm da borda inferior.

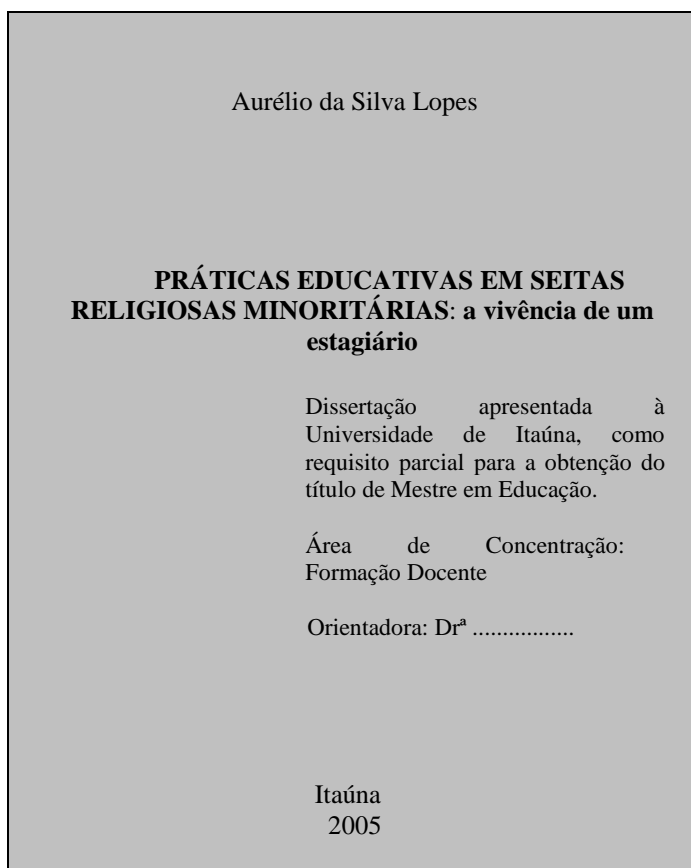


FIGURA 2 Anverso da Folha de Rosto

2.2.1.3.2. Verso da Folha de Rosto

Deve conter a ficha catalográfica, elaborada por um bibliotecário, de acordo com o Código de catalogação Anglo-Americano vigente. A ficha catalográfica deve ser impressa no meio inferior do verso da Folha de Rosto.

FICHA CATALOGRÁFICA	
S719p	<p>Lopes, Aurélio da Silva Práticas educativas em seitas religiosas minoritárias: a vivência de um estagiário/ Aurélio da Silva Lopes. Itaúna: Universidade de Itaúna, 2005. 142f.</p> <p>Orientadora: Maria José de Morais Pereira Dissertação (mestrado) – Universidade de Itaúna</p> <p>Bibliografia 1. Estágio – cotidiano 2. escolar 3. escola confessional. I. Gina Freire. orient. II. Universidade de Itaúna. III. Título</p>

FIGURA 3 Verso da Folha de Rosto

2.2.1.4 Errata (elemento opcional)

Lista de erros (se houver) com as respectivas correções indicando as páginas em que os mesmos aparecem. Preferencialmente inserida como encarte, após a Folha de Rosto.

2.2.1.5 Folha de aprovação (elemento obrigatório para monografias, teses e dissertações)

Entregue ao Graduado, Mestre ou Doutor, após a aprovação da defesa do trabalho, com a assinatura dos professores e doutores componentes da Banca Examinadora.

Na Universidade de Itaúna não existe uma Folha de Aprovação padrão até o momento. Geralmente a Coordenação dos cursos sugere um formato, se baseando em outras páginas de outras instituições existentes. Segue, abaixo, uma sugestão de Folha de Aprovação:

Nome completo do aluno (a)

TITULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de da Universidade
de Itaúna como exigência parcial para a
obtenção do título de

Área de Concentração:

..... Período

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(Orientador de Conteúdo) - Nota

Prof. (Orientador de Metodologia) – Nota

Média:

2.2.1.6 Dedicatória (elemento opcional)

É uma página com oferecimento do trabalho a uma ou mais pessoas. Não tem formatação própria. O autor deve apenas obedecer à configuração da página.

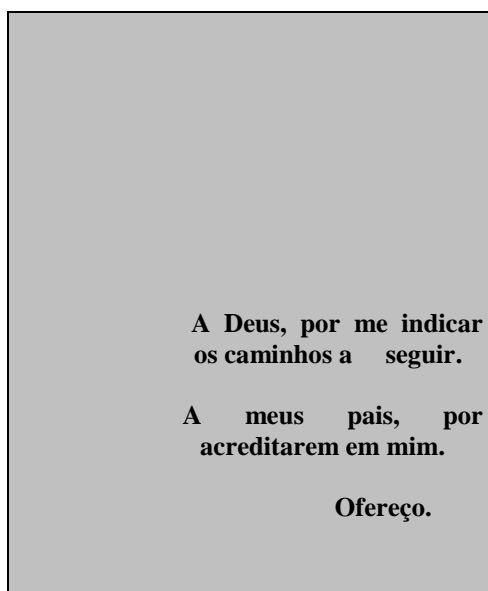


FIGURA 4 Dedicatória

2.2.1.7 Agradecimentos (elemento opcional)

Agradecimentos às pessoas e instituições que contribuíram para a realização do trabalho. O autor deve obedecer ao formato, margens e espaçamento.

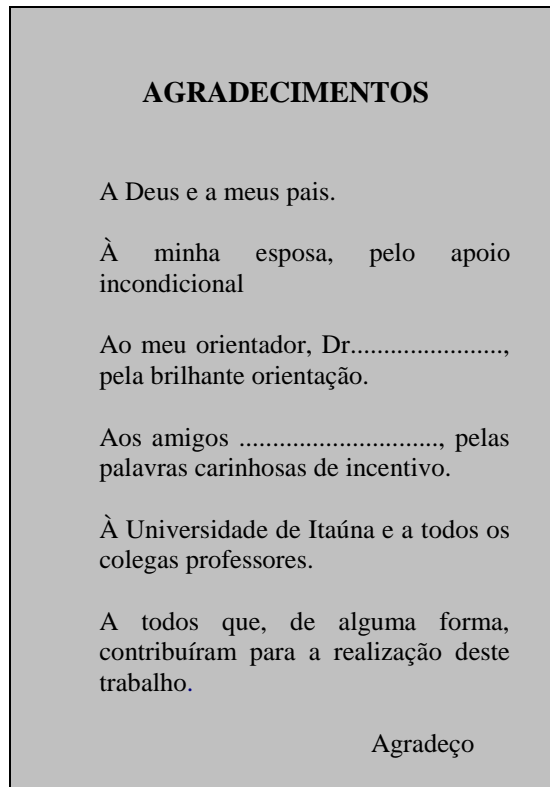


FIGURA 5 Agradecimentos

2.2. 1.8 Epígrafe (elemento opcional)

Pensamento que embasou o trabalho desenvolvido. Deve expressar o que se pretendeu ao elaborar o trabalho. Não tem formatação própria. O autor deve obedecer apenas à configuração da página.

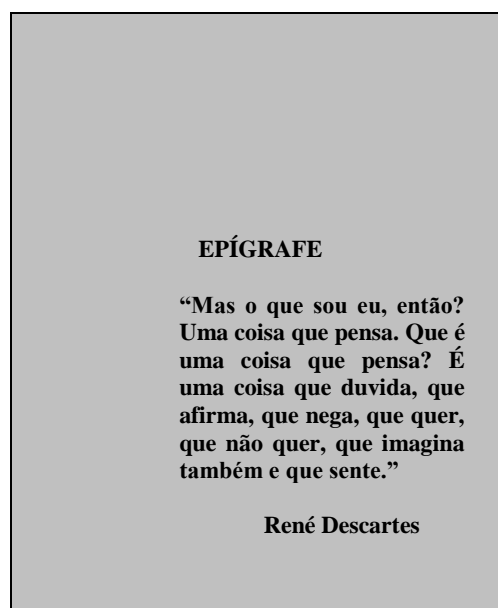


FIGURA 6 Epígrafe

2.2.1.9 Resumo na língua vernácula - NBR 6028 (ABNT, 2003) - (elemento obrigatório)

Apresentação concisa dos pontos relevantes do trabalho. Constitui-se de uma sequência de frases concisas e objetivas ressaltando os objetivos, os métodos, os resultados e as conclusões, com extensão de até 500 palavras. Deve ser redigido em parágrafo único, em espaço simples (NBR 6028 (ABNT, 2003)).

Deverá ser precedido da própria referência bibliográfica, redigida em espaço simples. O título da dissertação ou tese deverá estar em negrito; o nome e local de origem do orientador e do(s) co-orientador(es) deverão constar do rodapé da página.

As palavras-chave, no máximo de cinco, encerrando o significado do conteúdo do trabalho, devem vir logo abaixo do Resumo.

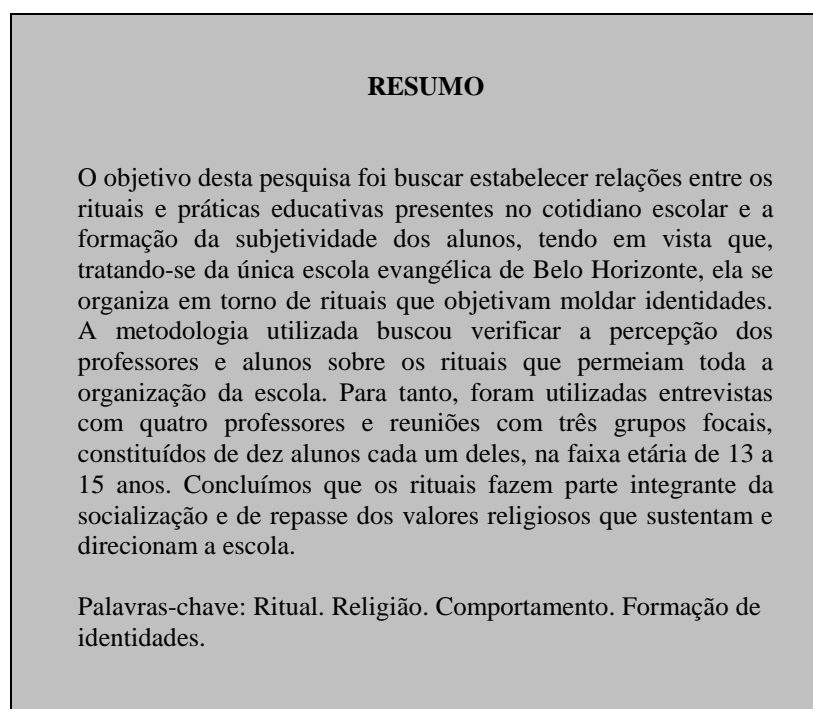


FIGURA 7 Resumo

2.2.1.10 Abstract

Resumo em língua estrangeira - NBR6028 (ABNT, 2003) (elemento obrigatório)

É a tradução do resumo em idioma de divulgação internacional. Aparece logo após o Resumo. Constitui-se em tradução literal do resumo em português, com a mesma formatação e elementos da página do Resumo.

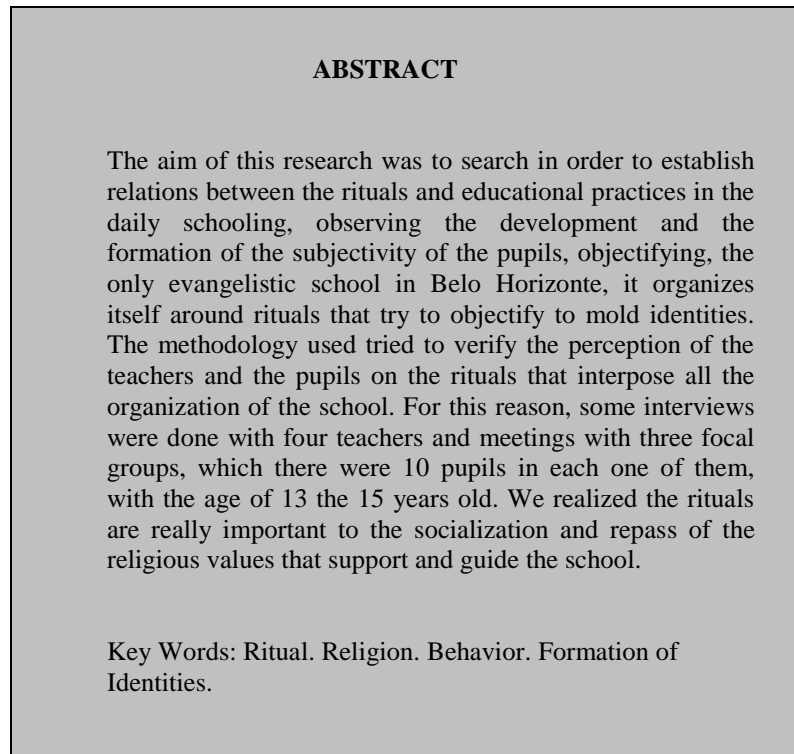


FIGURA 8 Abstract

2.2.1.11 Listas (elemento opcional)

Listagem de elementos que ilustram, explicam ou complementam a obra. Devem ser numeradas, ao longo do texto, com algarismos arábicos. Cada lista terá uma sequência própria, de acordo com seu tipo

a) Lista de Ilustrações (elemento opcional)

Sumário das ilustrações (com exceção de tabelas quadros e gráficos) que aparecem no trabalho, seguidas de sua localização (página).

LISTA DE FIGURAS	
Figura 1 Ex-alunos que frequentam a escola	38
Figura 2 Alunos repreendidos em 2004.....	54
Figura 3 Recusa em participar dos rituais..	82
Figura 4 Participação de pais nas reuniões	85
Figura 5 Alunos encaminhados ao C.T.	88

FIGURA 9 Lista de Figuras

b) Lista de Gráficos (elemento opcional)

É mencionado no texto precedido da palavra GRÁFICO, acompanhado de uma seqüência numérica própria. Segue a mesma orientação das figuras.

c) Lista de Tabelas e Quadros (elemento opcional)

É a relação numérica das Tabelas, devendo aparecer na mesma ordem em que são citadas no texto, com indicação da localização (página).

LISTA DE TABELAS	
TABELA 1	45
TABELA 2	79
TABELA 3	92
TABELA 4	45
TABELA 5	79
TABELA 6	92

FIGURA 10 – Lista de Tabelas

d) Listas de Abreviaturas, Siglas e Símbolos (elemento obrigatório)

Consiste na relação alfabética das abreviações, siglas e símbolos utilizados no texto, seguidas de seu correspondente por extenso.

A NBR 14724 (ABNT, 2011) considera a lista de abreviaturas opcional, contudo, optamos por adotá-la como elemento obrigatório, para facilitar a leitura do trabalho.

As abreviaturas e siglas evitam a repetição de palavras e expressões comumente utilizadas no texto. Devem-se usar abreviaturas já padronizadas (Consultar a obra *Siglas Brasileiras*, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia–IBIC).

Abreviaturas não padronizadas e siglas desconhecidas, se em grande número, devem constar em lista própria; em número reduzido, podem ser mencionadas no próprio texto, antecedidas do correspondente por extenso, separadas por hífen.

Ao ser mencionada pela primeira vez no texto, deve ser precedida do nome, por extenso.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	
AI	Angina instável
AIT	Acidente isquêmico transitório
AVC	Acidente vascular cerebral
AVC-I	Acidente vascular cerebral isquêmico
<i>B. forsythus</i>	<i>Bacteroides forsythus</i>
Ccb	Contagem de células brancas
<i>C. pneumoniae</i>	<i>Chlamydia pneumoniae</i>
CT	Colesterol total
CTI	Centro de terapia intensiva
DCV	Doença(s) cardiovascular(es)
EUA	Estados Unidos da América
<i>F. nucleat</i>	<i>Fusobacterium nucleatum</i>
HDL-C	Lipoproteína de alta densidade

FIGURA 11 Lista de Abreviaturas e Siglas

2.2.1.12 Sumário (elemento obrigatório) – NBR/6027 (ABNT, 2012)

Listagem das principais divisões, do trabalho (capítulo, seções), na mesma ordem e grafia em que aparecem no texto, seguida da localização (página).

Reflete a organização da matéria no texto e facilita a visão do conjunto da obra. É identificado pela palavra **SUMÁRIO**, escrita em letras maiúsculas, a 3cm da borda superior, em negrito.

Os títulos de partes ou capítulos (sessões primárias) devem ser destacados, utilizando-se letras maiúsculas e negrito ou itálico. As demais sessões (secundárias, terciárias) devem ter apenas a inicial maiúscula.

Os capítulos devem ser indicados com algarismos arábicos e numeração progressiva para as outras divisões do trabalho, não sendo aconselhável ir além da sessão quinária. (NBR 6027 (ABNT, 2012)).

Os elementos pré-textuais não constam no sumário. As páginas do sumário não devem ser numeradas e todos os itens devem estar na mesma margem.

SUMÁRIO	
	Pág.
1 INTRODUÇÃO.....	05
2 CAPÍTULO I.....	06
3 CAPITULO II.....	07
3,1.....	08
3.2.....	09
4 CAPÍTULO III.....	14
4.1.....	14
4.1.1.....	29
4.1.2.....	48
4.2.....	84
5 CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS.....	100

FIGURA 12 SUMÁRIO

2.2.2 Formatação do trabalho científico

- os trabalhos devem ser apresentados em papel branco (formato A4 – 21cm X 29,7cm);
- os trabalhos devem ser datilografados ou digitados no anverso das folhas;

Fonte: Times New Roman ou Arial

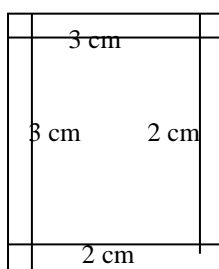
- 12 (TNR), 12 (Arial), para texto

- 10 (TNR); 10 (Arial), para Notas de Rodapé

- 10 (TNR), 10 (Arial), para citações longas

- 10 (TNR), 10 (Arial) para paginação e legendas das ilustrações e tabelas.

- as folhas devem apresentar margem esquerda e superior de 3 cm; e direita e inferior de 2 cm, como pode ser visualizado a seguir:



O texto deve ser datilografado ou digitado com espaço **1,5** entre linhas, com exceção das citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas (que deverão estar com espaço entre linhas **simples**);

- o alinhamento deve ser *justificado* (veja no quadro acima);
- não há entrelinha dupla entre os parágrafos;
- os títulos, subtítulos e entradas de outras partes do trabalhos *com indicativo numérico* devem ser alinhadas à esquerda da folha;
- os títulos *sem indicativo numérico* (agradecimentos, lista de ilustrações, lista de abreviaturas, resumo, sumário, referências, anexo, glossário) devem ser centralizados;
- todas as folhas devem ser contadas, *a partir da Folha de rosto*, mas não numeradas;
- a numeração aparece a partir da 1ª folha textual, ou seja, na Introdução e termina no final do trabalho, em algarismos arábicos, à 2 cm da borda direita superior;
- as Notas de Rodapé devem ser datilografadas ou digitadas dentro das margens, sendo separadas do texto por um espaço simples entrelinhas e por uma linha de 3 cm, a partir da margem esquerda; os computadores, hoje, possuem recursos para inseri-las;
- utilize sempre que necessário, as Notas de Rodapé. Geralmente, as mesmas são utilizadas para complementar o texto, evitando distração do raciocínio inicial. Também se pode utilizar as Notas de Rodapé para colocar alguma referência que explicita melhor aquele assunto tratado naquele lugar. Contudo, não se deve exagerar no seu uso, originando duplicação de informação (na Nota e nas Referências).
- as Ilustrações devem ser inseridas próximas ao trecho a que se referem:
 - as Ilustrações que podem ser utilizadas são: desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros que forem relevantes para o trabalho;
 - as Ilustrações devem ser identificadas em sua parte inferior, precedidas das palavras designativas, seguidas por seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, do respectivo título e/ou legenda explicativa de forma breve e clara.

2.2.2.1 Esta é a disposição do texto nas páginas do Trabalho Acadêmico, seja que tipo de *Elementos Textuais* forem, sejam os elementos de um Projeto de Pesquisa, sejam os elementos do Relatório de Pesquisa (a serem vistos mais à frente), cada um com suas características específicas.

2.2.2.2 Elementos pós-textuais

2.2.2.2.1 Referências de documentos

Como vimos acima, a citação (p. 14) é muito importante para o entendimento do assunto pelo autor do trabalho e também pelo seu leitor. Por isso, todas as citações feitas no decorrer do trabalho precisam ser identificadas, ou melhor, precisa haver o endereço dessas citações no final do texto. Eles indicam onde encontramos aquele texto e chamam-se Referências.

Você verá em alguns textos a expressão “Referências Bibliográficas”, mas a partir de 2002 a ABNT alterou a nomenclatura para Referências (ABNT, 2002a), visto que utilizamos tanto as bibliográficas quanto as digitais.

As Referências são dispostas no final do trabalho, e devem ser listadas todas as referências das citações utilizadas no decorrer do texto.

No item 4.2.5 do Capítulo 4, Relatório de Pesquisa, você vai encontrar mais informações sobre a elaboração das Referências em um Trabalho Acadêmico ou Científico.

2.2.2.2.2 Anexos.

Os anexos são documentos, ou dados, ou resultados de pesquisa, ou ainda, explicações mais aprofundadas sobre qualquer um dos elementos tratados no corpo do trabalho que, embora necessários para o entendimento do todo, não caberiam estar dentro das partes textuais.

São tipos de anexos: declarações de instituições ou pessoas de que aceitam participar da pesquisa feita; decreto ou lei que regulamente algum aspecto tratado no corpo do trabalho; explicações mais detalhadas ou mais aprofundadas que não caberiam dentro de um Manual, mas que podem ser úteis para atividades de pesquisa em períodos mais avançados; mapas, fotos, cartas de recomendação etc., também podem vir nesta parte.

2.3 Quadro comparativo dos tipos de trabalhos acadêmicos

PROJETO DE PESQUISA

CAPA
 FOLHA DE ROSTO
 SUMARIO

Tema
 Delimitação do Tema
 Objetivos
 Justificativa
 Revisão de Bibliografia
 Universo da Pesquisa
 Objeto - o quê,
 variáveis
 hipóteses
 Metodologia
 Cronograma
 Referências

TRABALHO ACADÊMICO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

SUMÁRIO

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

REFERÊNCIAS

ANEXOS

RELATÓRIO DE PESQUISA

CAPA

FOLHA DE ROSTO

SUMÁRIO

Introdução – Explicação sobre

1. Tema da pesquisa
2. Objetivos
3. Variáveis e hipóteses tratadas
4. Universo da pesquisa (amostra)
5. Justificativa
6. Procedimento metodológico usado

Desenvolvimento

1. Apresentação dos dados obtidos
2. Análise e interpretação deles
3. Conclusão
 - as hipóteses se confirmaram?
 - síntese interpretativa

Conclusão

1. Sugere novos trabalhos na mesma linha
2. Ou sobre assuntos relacionados ao tema

Referências

1. Bibliográficas
2. Eletrônicas
3. Documentais

Anexos
 Questionários, Entrevistas, gráficos, etc.

3 PROJETO DE PESQUISA

3.1 O que é e para que serve – diversas finalidades do projeto

Quem participa da vida acadêmica, no âmbito de uma Universidade, quem faz parte do corpo de pesquisadores de uma instituição como a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento dos Pessoal de Nível Superior) ou o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), está continuamente elaborando projetos de pesquisa, para apresenta-los, em busca de aceitação ou financiamento por um destes órgãos.

Mas elabora também projetos de pesquisa quem pretende ingressar em um curso de Pós-Graduação *strito sensu*, em uma Universidade que o ofereça, seja qual for a área de conhecimento contemplada.

E o aluno que pretende elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso também precisa apresentar ao seu futuro orientador um projeto relacionado à pesquisa que pretende realizar ao finalizar seu curso de Graduação.

Nas Universidades, de um modo geral, oferece-se aos alunos da graduação a oportunidade de praticar a aplicação do método científico nos programas de Iniciação Científica e, para ser aceito nele, o aluno deve apresentar um projeto seu, que se inclua na linha de pesquisa onde quer ingressar.

De um modo geral, em todos eles, o que se tem que trabalhar gira em torno de alguns dados, que são apresentados a seguir.

Leia com atenção as perguntas que seguem e procure respondê-las procurando definir, esclarecer e especificar com clareza o que pretende investigar. As suas respostas facilitarão a redação do projeto.¹²

1- Perguntas primárias: o quê? Por quê? Para quê?

Qual é o tema da pesquisa?

Como delimitará o tema?

Para que fará a pesquisa?

¹² Estas perguntas foram adaptadas a partir da obra de Hortência de Abreu Gonçalves (2005).

- Qual é a questão que investigará? Como a questão será problematizada?
- Qual é a pergunta que deverá ser respondida após a pesquisa? (*Este é o problema de pesquisa*).
- É possível formular hipótese? (*Algumas vezes, já se tem uma hipótese não formulada*)
- De que tipo de pesquisa se trata? Bibliográfica? Empírica? Documental?
- Qual abordagem será dada à pesquisa? Qualitativa? Quantitativa?
- 2- Procedimentos técnicos: materiais teóricos e metodológicos
- Quais são as fontes teóricas?
- Onde elas estão localizadas?
- Quais são os meios de acesso a elas?
- Qual a técnica de pesquisa será utilizada? Observação? Entrevista? Questionário?
- Que instrumentos serão utilizados para a coleta de dados? Roteiro? Gravador?
- Questões fechadas? Questões abertas?
- Quais são as características do universo e da amostra selecionada?
- Será necessário o termo de consentimento dos participantes?
- De que forma se fará a análise dos dados?
- 3- Delineamento da pesquisa: por quê? De que maneira?
- Qual é o objetivo geral da pesquisa?
- E os objetivos específicos?
- Qual é a hipótese?
- Quais são as categorias de análise?
- 4- Implementação da pesquisa
- Como fará a organização dos dados coletados?
- Fará uso da técnica de fichamento?
- Como tratará o referencial teórico?
- 5- Redação final: para quê? Como? Qual? De que maneira?
- De que tipo de trabalho se trata? Artigo? Relatório? Monografia?
- Que contribuições a pesquisa trará?

3.2 Partes

Existem autores que apresentam as partes do Projeto de Pesquisa de forma diferenciada. Neste Manual vamos definir como partes do Projeto de Pesquisa:

- a) Capa, folha de rosto e sumário, item 2.2.1.

b) Elementos do Projeto de Pesquisa:

- 1- Apresentação/justificativa (ou introdução/justificativa)
- 2- Objetivos: geral e específicos
- 3- Metodologia
- 4- Referencial teórico
- 5- Cronograma
- 6- Referências

c) Conceituação dos elementos do Projeto de Pesquisa (ver ainda o anexo 1)

1 Apresentação/justificativa: deve possibilitar ao leitor as informações prévias sobre a pesquisa. É um texto onde, com a ajuda dos autores que já escreveram sobre o assunto e que nos chegaram por intermédio da Pesquisa Bibliográfica, elaboramos um texto, justificando a escolha do tema e do problema, dizendo da sua *atualidade, pertinência, relevância*, que, certamente foi do que trataram esses autores. Este texto deve ter as características de um texto científico. É onde se mostra conhecimento do *estado da arte* sobre aquele assunto, isto é, até onde se foi na produção de conhecimento naquela área, com base na Pesquisa Bibliográfica.

2 Objetivos: A declaração dos objetivos estabelece a direção para a pesquisa. Aonde se quer chegar?

São dois tipos de objetivos, num projeto de pesquisa:

- a. O Objetivo Geral, que é um só e responde diretamente à questão colocada pelo problema, pois ele está sendo formulado, justamente para responder ao problema de pesquisa.
- b. Os Objetivos Específicos, que serão, certamente, mais de um, não devendo por prudência, ultrapassar o número de três, pois eles devem nos conduzir a realizar o Objetivo Geral, da forma mais simples e objetiva possível. Eles representam etapas a serem alcançadas para responder ao problema de pesquisa. Vamos definindo cada um, a partir dos conceitos que estão expressos no problema colocado, nos advérbios interrogativos (quando?, por que?, como?, onde?), que aparecem na frase que formula o problema, nas relações indicadas dentro da pergunta formulada (por ex.: 1. *quando é que as araras azuis se acasalam e qual a influência que o meio ambiente tem neste acasalamento?* 2. *de que itens o calculo do índice de inflação depende?*).

3 Metodologia: qual o caminho que será percorrido? Como? *Para a demarcação da metodologia é importante definir o Universo da Pesquisa*: vamos dizer de onde pretendemos extrair os dados da Pesquisa. Qual é o material que nos vai fornecer estes dados. Se é através de uma Pesquisa Bibliográfica, serão os autores e obras que tratam do tema; se é uma Pesquisa Documental, serão os documentos, normas, legislação, documentos produzidos dentro do âmbito de estudo e que não foram para o domínio público. Ou pretendemos fazer uma Pesquisa de Campo e, então, serão pessoas, grupos, comunidades, etc., a quem vamos entrevistar, questionar, reunir com eles, etc. O nosso Universo da Pesquisa diz muito a respeito da Metodologia que pretendemos utilizar.

4 Referencial Teórico, ou aporte teórico, ou marco teórico, ou embasamento teórico, ou revisão de literatura, ou estado da arte: é o resultado da leitura e análise de livros, artigos e documentos

5 Cronograma: especificação do tempo/atividades.

O cronograma consiste na previsão de tempo - dias, semanas, quinzenas, meses, bimestres, trimestres etc. - que será gasto na realização do trabalho. As atividades e os períodos em que deverão ser cumpridas serão determinados com base nas peculiaridades de cada pesquisa e em critérios definidos pelo autor do trabalho. No cronograma devem constar as partes, etapas, com previsão de tempo para cada uma delas. No planejamento, não se deve esquecer que algumas dessas partes podem ser executadas simultaneamente por diferentes membros da equipe, enquanto outras dependem das etapas anteriores. (ASSIS, [s/d], p. 31).

Segue, abaixo, um exemplo de Cronograma, extraído do Manual de Metodologia Científica da Universidade Federal da Paraíba:

	ATIVIDADES/PERÍODOS	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.
1	Levantamento de literatura	x									
2	Montagem do Projeto		x								
3	Coleta de dados			x	x	x					
4	Tratamento dos dados				x	x	x	x			
5	Elabor. do Relatório Final						x	x	x		
6	Revisão do texto									x	
7	Entrega do trabalho										x

FONTE: Assis ([s/d], p. 31)

6 Referências: elaboradas conforme as normas da ABNT (vide item 4.3.5).

4 O RELATÓRIO DE PESQUISA

4.1 O que é e como tem sido utilizado

O relatório consiste na apresentação final de um estudo, pesquisa e atividade em que, além dos dados coletados, o autor comunica resultados, conclusões e recomendações a respeito do assunto trabalhado, indicando os responsáveis pela produção daquele conhecimento.

O relatório de pesquisa incide em toda produção científica, assim como as monografias, dissertações, teses e obras de autores, consagrados ou não, cuja finalidade vem especificada na Folha de Rosto do trabalho.

4.2 Elementos do Relatório

- a) capa e folha de rosto e sumário;
- b) resumo e palavras chave;
- c) introdução: inclui a expressão da justificativa, objetivos e hipóteses trabalhadas;
- d) metodologia: inclui as técnicas utilizadas, o universo da pesquisa e amostra;
- e) referencial teórico;
- f) apresentação dos dados coletados e análise dos mesmos (resultados e discussão dos resultados);
- g) conclusão;
- h) recomendações e sugestões: indicações práticas extraídas das conclusões; (optativo)
- i) apêndice: materiais ilustrativos elaborados pelo autor do relatório; (Quando houver)
- j) anexo: materiais ilustrativos não elaborados pelo autor do relatório; (Quando houver)
- k) referências.

4.3 Conceituação dos elementos do relatório de pesquisa

4.3.1 Partes essenciais

Um Relatório de Pesquisa, conforme já foi dito, é o relato do resultado de uma pesquisa feita, seja ela qual for, dentro das normas acadêmicas e científicas, de modo a que, quem tiver acesso a ele, possa, lendo-o, ter a exata informação do que foi feito, para que foi feito, quem são os responsáveis pela produção daquele conhecimento.

Em todo e qualquer Relatório de Pesquisa, vamos encontrar uma Introdução, o Desenvolvimento do relato, que é o núcleo de maior importância e uma Conclusão, que irá desvendar as aplicações futuras que se entende possibilitar o trabalho que está sendo relatado.

4.3.2 Introdução

É um texto onde se definem os conceitos de que o trabalho vai tratar, com base em autores da área e fazendo referência a eles dentro do texto, conforme já foi exposto ao falarmos da elaboração do texto científico. Definidos os conceitos, coloca-se o problema, na forma de uma ou mais perguntas (problematização do tema). Em seguida, expressam-se os Objetivos, Geral e Específicos. Se existirem, citam-se as hipóteses de onde se está partindo e, com base na posição filosófica (que podemos denominar postura epistemológica) dos autores citados, delinea-se sumariamente a metodologia a ser empregada. Completa-se a Introdução, descrevendo cada capítulo, dizendo do que trata cada um deles, podendo antecipar a direção que se pretende tomar para se chegar à Conclusão.

4.3.3 Desenvolvimento

4.3.3.1 O texto científico (com alusão a este item na Justificativa, no Capítulo 3 e no Anexo III)

4.3.3.2 A pesquisa bibliográfica (levantamento bibliográfico, leitura e fichamento, resumos, elaboração de citações – item 2.1).

4.3.3.3 Metodologia (o que é método, métodos e técnicas, tipos de pesquisa – bibliográfica, documental, de campo – levantamento de dados). (ver anexo II)

4.3.3.4 A elaboração do Relatório de Pesquisa (correspondente ao Desenvolvimento da pesquisa, tanto a bibliográfica quanto a de campo ou documental, especificando-se a

metodologia utilizada (método, técnicas, procedimentos, instrumentos, materiais) para a coleta de dados). A forma de tratamento e análise dos dados orientará as proposições que serão discutidas terminando na conclusão dos resultados.

4.3.4 Conclusão ou considerações finais

No Relatório de Pesquisa, estamos *relatando* o processo desenvolvido desde a detecção de um problema; busca de entendimento do que ele é dentro da área de estudo em que ele se situa, fundamentando-o nos autores, especialistas na área; do estabelecimento de alguns objetivos, que deverão ajudar a responder ao problema inicial de pesquisa; da escolha dos caminhos para acreditamos serem os melhores (e, nisto, os autores que lemos poderão nos ajudar) para atingirmos os objetivos propostos - uma metodologia -; vamos à realidade e coletamos dados; depois, coletados cuidadosamente estes dados, os analisamos à luz dos autores lidos e dos objetivos estabelecidos; e *tiramos nossas conclusões*, que são as conclusões dos resultados que obtivemos, através da metodologia utilizada. Até aí, Estamos ainda no *Desenvolvimento* do relato sobre a realização da pesquisa, seja ela qual for.

Terminado todo o processo de coleta de dados e análise dos resultados obtidos, fazemos um pequeno resumo do que foi tratado e como chegamos aí. Vamos então comentar a respeito do trabalho, das dificuldades que encontramos em realizá-lo, do que, no desenvolvimento dele, descobrimos e que ainda é novidade para nós; vamos falar dos problemas que acabamos percebendo e que fazem fronteira com o nosso problema, mas que, até pela necessidade de exatidão e coerência, fomos obrigados a deixar para trás e seguir em frente, perseguindo os objetivos que nos propusemos a atingir.

Vamos nos referir àqueles problemas que encontramos pelo caminho percorrido e que, sabemos, solicitam de nós uma atenção especial, porque pertinentes, de interesse coletivo e com possibilidades de serem resolvidos. Deste modo estamos deixando, para quem ler o trabalho, a sugestão de novos trabalhos de pesquisa.

Finalmente, precisamos mostrar que todo este processo foi realizado de forma consciente e autônoma. Para tal, vamos dizer, no final dele, se consideramos que os objetivos estabelecidos desde o início foram atingidos ou, se não o foram, porque, no nosso entender, isto não foi possível. Desde modo, estaremos indicando, para quem se interesse por este

trabalho, quais os caminhos que restam, a nosso ver, para concluir o trabalho que começamos e que, por alguma razão, não nos foi possível finalizar completamente.¹³

Esta é a *Conclusão*, cuja descrição se baseia em Marina Marconi e Eva Maria Lakatos (2001), tal qual elas a apresentam. Entretanto, há pesquisadores que consideram esta forma muito rígida e, principalmente nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, procura-se seguir um procedimento mais suave.

São as *Considerações Finais*, que, como o nome indica, discorrem sobre o todo da pesquisa, sua realização e os resultados obtidos, principalmente aqueles que nos interessam indicar como solução para o problema colocado. É uma forma mais humana e aparentemente menos exata, dependendo do rigor que cada pesquisador coloca em seu processo de elaboração da pesquisa.

4.3.5 Referências

As Referências, isto é, a lista das obras consultadas e às quais se referiu dentro do trabalho que está sendo apresentado, são:

- alinhadas à esquerda;
- em ordem alfabética, por autoria, isto é, pela primeira letra do último sobrenome dos autores (não são considerados sobrenomes Filho, Junior, Neto, Sobrinho, mas o primeiro antes deles);
- digitadas em espaço simples;
- separadas entre si por espaço 1,5;
- pontuação uniforme, isto é, de acordo com a NBR6023 (ABNT, 2002a).

OBS: As referências eletrônicas são inseridas em ordem alfabética entre as outras referências.

Exemplos de elaboração de Referências:

Livro (trabalhos monográficos) – São estes os elementos essenciais de uma referência:

Título do livro: *Um discurso sobre as ciências*

¹³ O texto aqui apresentado foi organizado por um dos professores responsáveis pela elaboração deste Manual, para uma outra instituição mineira, tendo sido copiado quase integralmente. (AMARAL; MOREIRA, 2008).

Número de edição: 12 edição

Local de edição (local em que foi editado o livro) : Porto

Autor: Boaventura de Sousa Santos

Editora: Edições Afrontamento

Ano em que foi publicado o livro: 2001

Portanto, são *elementos essenciais* da Referência, na ordem estabelecida pela Norma NBR6023 (ABNT, 2002a):

Autor. Título. N° de edição. local de edição: editora, data de edição (*observe a pontuação nesta sequência, já é a Norma*).

São *elementos complementares* da Referência:

Tradutor, ilustrador ,organizador (depois do título). Páginas, volumes, coleção, informações adicionais (depois da data de publicação, no final).

Elaborando a Referência do exemplo acima, de acordo com a ABNT:

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 12 edição. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

Comparando as normas para Referências diferentes:

Livro:

AUTOR. *Título*. Edição. Local de edição: editora, data de edição. N° de págs.

Tese:

AUTOR. *Título*. Edição. Local: Editora (a Faculdade ou Universidade que editou),data de publicação. Tipo de trabalho (Se é tese ou dissertação ou monografia).

Folheto:

INSTITUIÇÃO. *Título*. n° edição (se houver). local/ est.. Data. N° de páginas.

Dicionário:

AUTOR/EDITOR. *Título*:sub-título. local:editora, data. Esclarecimentos sobre a obra (Ex.: exclusiva p/assinante da Folha de São Paulo, ou outros).

Alguns exemplos, extraídos em sua maior parte da NBR 6023 (ABNT, 2002a):

Guia:

BRASIL: roteiros turísticos. São Paulo: Folha da Manhã, 1995.319 p., il. (Roteiros turísticos Fiat). Inclui Mapa rodoviário.

Manual:

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental. *Estudo de impacto ambiental - EIA, Relatório de impacto ambiental – RIMA* : manual de orientação. São Paulo, 1989. 48 p. (Série Manuais).

Catálogo:

MUSEU DA IMIGRAÇÃO (São Paulo, SP). *Museu da Imigração - São Paulo* : catálogo. São Paulo, 1997. 16 p.

Almanaque:

TORELLY, M. *Almanaque para 1949* : primeiro semestre ou Almanaque da Manhã. Ed. Facsim. São Paulo: Sutdioma: Arquivo do Estado, 1991 . (Coleção Almanques do Barão de Itararé). Contém iconografia e depoimentos sobre o autor.

Partes de publicações:

Capítulo de livro:

SANTOS, B. de Souza. O paradigma dominante. In: _____ *Um discurso sobre as ciências*. 12 ed.. Porto: Afrontamento, 2001, p. 10 - 23.

Parte de coletânea:

ROMANO, G. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI,G.;SCHIMIDT, J. (orgs.). *História dos jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 7 - 16.

Artigo de revista institucional:

COSTA, V.R.. À margem da lei: o Programa Comunidade Solidária. *Em Pauta*: revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, n. 12, p. 131-148, 1998.

Artigo de revista:

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. *Política e Administração*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.

Artigo ou matéria de jornal:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jun.1999. Folha Turismo, Caderno 8, p. 13.

Imagem em movimento (elementos essenciais e complementares)

Filmes, fitas de vídeo, DVD e outros

Elementos essenciais:

Título, sub-título (se houver), diretor, produtor, local produtora, produtora, data e especificação do suporte em unidades físicas (*nesta ordem* e dentro da ordem alfabética geral).

Elementos complementares:

Intérpretes, sistema de reprodução, indicadores de som e cor e outras informações relevantes.

Meio eletrônico (inclui os mesmos tipos indicados acima, acrescentando-se as informações relativas à descrição física do meio eletrônico).

No caso de CD-ROM:

Exemplo:

KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). *Enciclopédia e dicionário digital 98*. Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

No caso de uso da Internet, de acordo com a NBR 6023 (ABNT, 2002a, p.4):

Quando se tratar de obras consultadas *on line*, também são essenciais as informações sobre o endereço eletrônico, apresentado entre os sinais < >, precedido da expressão *Disponível em:* e a data de acesso ao documento, precedida da expressão *Acesso em:*, opcionalmente acrescida dos dados referentes a hora, minutos e segundos.

Elementos essenciais:

Autor, denominação ou título e sub-título (se houver), do serviço ou produto, indicações de responsabilidade (instituição responsável pela publicação eletrônica), endereço eletrônico e data de acesso.

Exemplos:

(Verbetes de Dicionário)

POLÍTICA. In *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, 1998.
Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlDLPO>>. Acesso em 8 mar. 1999.

(Parte de Monografia)

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. In: _____. *Entendendo o meio ambiente*. São Paulo, 1999. V. 1.
Disponível em: <http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>. Acesso em: 8 de mar1999.

4.2.6 Anexos.

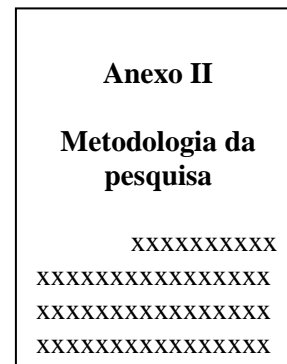
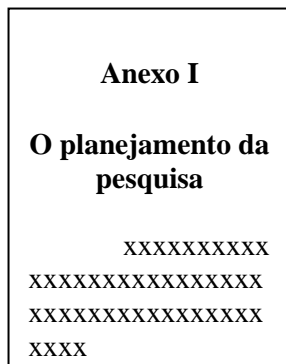
São partes que vêm no final do trabalho elaborado, anexadas ao corpo do mesmo, nem sempre redigidas pelo próprio autor, mas muitas vezes colocadas aí por ele para esclarecer ou juntar informação ao todo.

Nos Relatórios de Pesquisa, constam aí os modelos de questionário aplicados na pesquisa, de documentos de autorização por parte dos pesquisados de utilização das informações coletadas.

Os anexos podem vir com figuras e mapas que ajudem a melhor localizar o ambiente da realização da pesquisa.

Se é mais de um anexo, eles vêm numerados em algarismos romanos, o título centralizado, abaixo da indicação do número do anexo.

Exemplos:



5 NORMAS INTERNACIONAIS

5.1 Explicação sobre as Normas de Vancouver, de uso internacional.

Em 1978, na cidade de Vancouver, Colúmbia Britânica, um grupo de editores científicos da área médica reuniu-se visando a criação e o estabelecimento de padrões para a formatação de originais submetidos às suas publicações.

Seu objetivo era melhorar a qualidade e a clareza dos manuscritos encaminhados às revistas científicas, bem como facilitar os processos de edição.

O grupo ficou conhecido como **Grupo de Vancouver**, o qual veio a se expandir, transformando-se no Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas – ICMJE¹⁴

Responsável pela elaboração e publicação, em 1979, das **Normas de Vancouver**, incluindo as normas para referências bibliográficas elaboradas a partir no formato desenvolvido pela National Library of Medicine (NLM)¹⁵, o Comitê vêm se reunindo, desde então, para revisão e reorganização do documento, com apresentação de uma última versão em 2010.

O presente capítulo é uma transcrição das informações **mais relevantes** contidas no documento original com vistas a facilitar a elaboração de artigos científicos pelos alunos do curso de Medicina da Faculdade de Itaúna e áreas afins. A consulta deste manual não exclui, porém, a leitura dos originais sempre que houver dúvida ou para aprofundamento no conhecimento desses requisitos na sua totalidade.

5.2 Apresentação destas Normas

O *International Committee of Medical Journal Editors* (ICMJ) organizou as Normas para Manuscritos em tópicos, conforme apresentado no esquema abaixo:

Normas para Manuscritos Submetidos a Revistas Biomédicas

Segue, abaixo, um quadro em que se pode visualizar o que é apresentado neste Manual:

¹⁴ <http://www.icmje.org>.

¹⁵ www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html.

Escrita e Edição	para	Publicações Biomédicas
Declaração dos objetivos	Publicações e Questões Editoriais	Preparação do Manuscrito
Sobre as Normas	Obrigação de publicar	Preparo para submissão
Usuários Potenciais	Estudos Negativos	Envio da submissão
Como usar as Normas	Correções Direitos autorais	Referências
Considerações Éticas	Publicações repetidas	Referências Impressas
Autoria e contribuição	Correspondência	Outras fontes
Editorial Revisão pelos pares	Suplementos	
Conflito de interesses	Publicação Eletrônica	
Privacidade e Confidencialidade	Publicidade	
Proteção de Sujeitos e Animais na pesquisa	Meios de comunicação	
	Obrigação de registro ensaios clínicos	

No presente capítulo foi abordado o item **Preparação do Manuscrito** juntamente com as **Normas para Referência** da NLM, tópicos mais solicitados pelos alunos para a escrita de seus trabalhos científicos¹⁶

Numa outra oportunidade, será abordado o item referente às **Questões Éticas**.

Preparação do Manuscrito

Preparo para Submissão

Editores e revisores gastam muitas horas lendo manuscritos e, portanto, preferem receber manuscritos que sejam fáceis de serem lidos e editados. Muitas das informações contidas nas instruções das revistas para os autores são projetadas para se atingir aquela meta de acordo com as necessidades editoriais de cada periódico. As informações que se seguem oferecem um guia de preparo de manuscritos para qualquer revista.

Princípios Gerais

O texto dos artigos observacionais ou experimentais é geralmente (mas não necessariamente) dividido em: **Introdução, Métodos, Resultados e Discussão**. Essa Estrutura, também chamada “IMRAD”, não é um formato de publicação arbitrária, mas sim um reflexo do processo de descoberta científica. Alguns artigos podem necessitar de algumas subdivisões dentro de algumas seções (especialmente Resultados e Discussão) para que seus conteúdos se

¹⁶ Ambos os itens encontram-se disponíveis de forma integral nos sites <http://www.icmje.org> e www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html, respectivamente, conforme já citado acima.

tornem mais claros. Outros tipos de artigos, como Relato de um Caso, Artigos de Revisão e Editoriais, provavelmente necessitarão de um formato diferente.

Formatos eletrônicos têm criado oportunidades para a adição de detalhes ou seções inteiras, informações em camadas, ligações cruzadas ou porções extraídas dos artigos, os quais estarão disponíveis apenas nesse formato.

O uso de **espaço duplo** em todas as partes do manuscrito - incluindo a página de título, resumo, texto, agradecimentos, referências, tabelas individuais e legendas – e **margens amplas** tornam possíveis aos editores e revisores corrigirem o texto linha por linha e acrescentarem comentários diretamente no original. Se o material for submetido eletronicamente, os arquivos deverão ter espaço duplo para facilitarem a impressão pelos editores e revisores.

Os autores deverão **numerar** todas as páginas do manuscrito consecutivamente, começando da página do título, a fim de facilitarem o processo de editoração.

Diretrizes para Relatórios de Estudos com Desenhos Específicos

Relatórios de pesquisa frequentemente omitem informações importantes. Diretrizes para Relatórios têm sido desenvolvidas para um número de desenhos de estudo que algumas revistas podem solicitar aos autores a seguir. Esses autores devem consultar as Informações para Autores das revistas que eles escolheram.

Os requisitos gerais listados na próxima seção referem-se aos elementos essenciais para todos os desenhos de estudo. Autores são encorajados também a consultarem diretrizes para relatórios de relevância para seu desenho de pesquisa específico. Uma boa fonte de diretrizes para relatórios é o EQUATOR Network.

Página de Título

A página de Título deve conter as seguintes informações:

- 1) Título do Artigo. Títulos concisos são mais fáceis de serem lidos do que títulos muito longos. A concisão, contudo, pode omitir informações importantes, como o desenho do estudo (o que é particularmente importante para a identificação de ensaios randomizados). Os autores devem incluir todas as informações no título que permitam a recuperação eletrônica do artigo quanto à sensibilidade e à especificidade.
- 2) Nome do(s) autor(es) e instituições associadas. Algumas revistas publicam o mais alto grau acadêmico de cada autor.
- 3) O(s) nome(s) do(s) departamento(s) e instituição(ões) aos quais o trabalho será atribuído.
- 4) Avisos importantes, caso haja.
- 5) Contato dos autores para correspondência. Nome, endereço, números de telefone/fax e endereço eletrônico do autor responsável para correspondência sobre o manuscrito (o “autor

para correspondência”; esse autor pode ou não ser o responsável pela integridade do estudo). Esse autor deve indicar claramente se deseja que seu e-mail seja publicado.

6) O nome e o endereço do autor a quem pedidos de cópias devam ser endereçados ou uma declaração de que cópias não serão disponibilizadas pelos autores.

7) Fontes de suporte na forma de subvenção, equipamentos ou fármacos.

8) Número de palavras. A contagem do número de palavras apenas do texto (excluindo resumo, agradecimentos, legendas e figuras) permite aos editores e revisores saberem se as informações contidas no artigo comportam no espaço garantido a elas e se o manuscrito cabe dentro do limite de palavras da revista. A contagem do número de palavras do resumo, em separado, também é usada pelo mesmo motivo.

9) Número de figuras e tabelas. É difícil para o corpo editorial determinar se as figuras e tabelas que deveriam acompanhar o manuscrito foram realmente incluídas, a não ser que o número de figuras e tabelas tenha sido notificado na página de título.

Página de Notificação de Conflito de Interesses

Para prevenir que informações sobre potencial conflito de interesses venham a ser omitidas ou perdidas, tais informações precisam fazer parte do manuscrito. O ICMJE desenvolveu um *uniform disclosure form* para uso pelas revistas membros do Comitê. Outras revistas são convidadas a adotarem essa forma. Revistas individuais podem diferir sobre onde elas incluem essas informações e outras não enviam informações sobre conflito de interesses para os revisores.

Resumo

Resumos estruturados são preferidos para pesquisa original e revisões sistemáticas. O resumo deverá conter o contexto e o background e deverá apresentar o objetivo do estudo, os procedimentos básicos (critérios de seleção de sujeitos da pesquisa ou de animais de laboratório, métodos observacionais ou analíticos), principais (fornecendo o tamanho dos efeitos específicos e sua significância estatística, se possível), principais conclusões e fontes de recursos. Devem-se **ênfatisar aspectos novos e importantes do estudo ou observações**. Artigos sobre ensaios clínicos deverão conter resumos que incluam itens que o grupo CONSORT identificou como essencial¹⁷

Uma vez que os resumos são a única parte do artigo indexada em muitos bancos de dados eletrônicos e a única parte que os leitores leem, os autores devem ter cuidado de os reproduzirem fielmente no que tange ao conteúdo do artigo. Infelizmente, as informações contidas em muitos resumos diferem daquelas contidas no texto. O formato requerido para a estrutura dos resumos difere de revista para revista. Os autores devem preparar seus resumos no formato especificado pela revista que escolheram.

¹⁷ <http://www.consort-statement.org/?=1190>.

Introdução

Fornece o contexto ou o conhecimento prévio para o estudo (a natureza do problema e sua importância).

Expõe a proposta específica ou o objetivo da pesquisa, a hipótese a ser testada, o estudo ou observação; o objetivo da pesquisa é geralmente mais focado quando se apresenta na forma de pergunta. Tanto os objetivos principais como os secundários devem ser claros. Devem-se disponibilizar apenas referências pertinentes e não incluir dados ou conclusões do trabalho a ser realizado.

Métodos

A seção métodos deve incluir somente informações disponíveis no momento em que o plano ou protocolo do estudo foi escrito. Todas as informações obtidas durante o estudo pertencem à seção de resultados.

Seleção e descrição dos participantes

Descrever sua seleção de participantes (pacientes ou animais de laboratório, incluindo controles) de forma clara, incluindo critérios de eleição e exclusão e uma descrição da origem da população. Porque a relevância de algumas variáveis como idade e sexo para o objeto da pesquisa nem sempre é clara, os autores deveriam explicar seu uso quando eles são incluídos em um estudo – por exemplo, os autores deveriam explicar porque somente participantes de certas idades foram incluídos ou porque mulheres foram excluídas. Quando os autores usam variáveis como raça ou etnia, eles devem definir como eles mensuraram essas variáveis e justificar sua relevância.

Informações Técnicas

Identificar os métodos, aparelhos (fornecendo o nome e endereço do fabricante entre parênteses), e procedimentos em detalhes de tal forma que outros pesquisadores possam reproduzir os resultados. Fornecer referências para métodos estabelecidos, incluindo métodos estatísticos; disponibilizar referências e uma breve descrição para métodos que já tenham sido publicados, mas que não são bem conhecidos; descrever métodos novos ou substancialmente modificados, informando as razões para seu uso, avaliando suas limitações. Identificar precisamente todos os fármacos e compostos químicos usados, incluindo nome(s) genérico(s) e forma de administração.

Autores que submetem manuscritos de revisões deverão incluir uma seção descrevendo os métodos usados para localização, seleção, extração e síntese dos dados. Esses métodos deverão ser descritos no resumo.

Estatística

Descrever métodos estatísticos com detalhes suficientes de tal forma que um leitor com conhecimento do assunto possa ter acesso aos dados originais para a verificação dos resultados relatados. Quando possível, quantificar achados e apresentá-los com indicadores apropriados de medida de erro ou incerteza (como intervalos de confiança). Evitar apoiar-se apenas em testes de hipótese estatística, como valores de P, os quais falham em fornecerem

informações importantes sobre o tamanho do efeito. Referências sobre o desenho do estudo e métodos estatísticos devem ser de trabalhos conhecidos, sempre que possível (com indicação das páginas). Definir termos estatísticos, abreviações e demais símbolos. Especificar o software usado.

Resultados

Apresentar seus resultados numa sequência lógica dentro do texto, tabelas e ilustrações, disponibilizando os achados principais ou os mais importantes em primeiro lugar. Não repetir todos os dados das tabelas ou ilustrações contidos no texto. Enfatizar ou resumir somente as observações mais importantes. Materiais adicionais ou suplementares e detalhes técnicos podem ser apresentados em um apêndice onde eles estarão acessíveis, sem interromperem o fluxo do texto, ou ainda podem ser publicados apenas na versão eletrônica da revista.

Quando os dados são resumidos na seção de Resultados, fornecer resultados numéricos não apenas com derivações (por exemplo, porcentagens), mas também como números absolutos a partir dos quais as derivações foram calculadas e especificar os métodos estatísticos usados na análise dos resultados. Restringir tabelas e figuras necessárias para a explicação do argumento do artigo e para garantir um suporte aos dados. Usar gráficos como alternativa para tabelas com muitas entradas; não duplicar dados em gráficos e tabelas. Evitar uso não técnico de termos técnicos em estatística, como “acaso - randomizado” (o que implica em *randomizing device*), “normal”, “significativo”, “correlações” e “amostra”.

Onde for cientificamente apropriado, análises de dados por algumas variáveis como idade e sexo deverão ser incluídos.

Discussão

Enfatizar os aspectos novos e importantes do estudo e as conclusões que serão feitas a partir deles no contexto da totalidade das melhores evidências disponíveis. Não repetir em detalhes dados ou outras informações fornecidas na Introdução ou na seção de Resultados.

Para estudos experimentais, é comum começar a discussão com um breve resumo dos achados mais importantes para então explorar possíveis mecanismos ou explicações para esses achados, comparando e contrastando os resultados com outros estudos relevantes, explorando as implicações dos achados para pesquisas futuras e para a prática clínica.

Ligar as conclusões com os objetivos do estudo, mas evitar afirmações não qualificadas e conclusões não adequadamente amparadas pelos dados. Em particular, evitar fazer afirmações sobre benefícios econômicos e custos a não se que o manuscrito inclua dados econômicos apropriados e análises. Evitar priorizar ou fazer alusão a trabalhos que não foram completados. Apresentar novas hipóteses quando autorizadas, mas esclarecer que são hipóteses das forma mais clara possível.

Referências

Considerações gerais referentes às referências

Apesar de referências a artigos de revisão poderem ser uma forma eficiente na instrução de leitores a um conteúdo científico, artigos de revisão podem nem sempre refletir de forma

acurada o trabalho original. Leitores devem, portanto, serem providos com referências diretas das fontes de pesquisa originais sempre que possível. Por outro lado, uma extensiva lista de referências de artigos originais pode ocupar espaço excessivo na página a ser impressa. Um pequeno número de referências de artigos chave originais geralmente serve melhor do que listas exaustivas, principalmente agora em que referências podem agora serem adicionadas à versão eletrônica de artigos publicados.

Evitar uso de resumos como referências. Referências à artigos aceitos, mas ainda não publicados devem ser designadas como “no prelo”; os autores devem obter permissão escrita para citação desses artigos bem como a verificação de que eles tenham sido aceitos para publicação. Informações de manuscritos submetidos, mas não aceitos devem ser citadas no texto como “observações não publicadas” com permissão escrita da fonte.

Evitar citar uma “comunicação pessoal” a não ser que ela ofereça informação essencial não disponível de uma fonte pública, devendo o nome da pessoa e a data da comunicação serem citados entre parênteses no texto. Para artigos científicos, obter permissão escrita e confirmação da fidedignidade da fonte da comunicação pessoal.

Algumas, mas nem todas as revistas, verificam a fidedignidade de todas as citações referenciadas; assim erros de citação, às vezes, aparecem na versão publicada dos artigos. Para minimizar esses erros, as referências devem ser verificadas utilizando-se tanto uma fonte eletrônica, como PubMed, ou imprimindo cópias das fontes originais. Autores são responsáveis pela checagem de que nenhuma das referências cite artigos retratados, exceto no contexto de menção à própria retratação. Para artigos publicados em revistas indexadas no MEDLINE, o ICMJE considera o PubMed a fonte autorizada para informação sobre retratações. Autores podem identificar artigos retratados no MEDLINE usando o termo de busca que segue, onde o termo.

Estilo de Referência e Formato

O estilo adotado para referências baseia-se principalmente no estilo do *American National Standards Institute style*, adaptado pelo NLM para seu banco de dados. Autores devem consultar o *NLM's Citing Medicine* para informação sobre os formatos recomendados para variados tipos de referências; esses podem também consultar o *sample references*, uma lista de exemplos localizada no *Citing Medicine* para uso facilitado pelo ICMJE; essas amostras de referências são mantidas pelo NLM.

Referências devem ser numeradas consecutivamente, na ordem na qual cada uma é primeiramente mencionada no texto. Identificar referências no texto, tabelas e legendas através de numeral arábico, entre parênteses. Referências citadas somente em tabelas ou legendas de figuras devem ser numeradas de acordo com a sequência estabelecida pela primeira identificação no texto da tabela ou figura em particular. Os títulos das revistas devem ser abreviadas de acordo com o estilo usado na lista de revistas indexadas pelo MEDLINE, postado pelo Library's Web site. Revistas variam quanto à solicitação aos autores de como citarem referências eletrônicas, ou dentro de parênteses no texto ou por referências numeradas após o texto. Os autores devem consultar a revista a qual ele planeja submeter seu trabalho.

Tabelas

Tabelas capturam informações concisas e as apresentam de forma eficiente; elas também disponibilizam informações com vários níveis de detalhes desejado e precisão. Incluir dados em tabelas em vez de texto frequentemente torna possível a redução do tamanho do texto.

Digitar ou imprimir cada tabela em espaço-duplo e em folha separada. Numerar tabelas consecutivamente na ordem em que elas aparecem primeiramente no texto e acrescentar um breve título a cada uma. Não usar linhas internas verticais ou horizontais. Dar a cada coluna um pequeno ou breve título. Autores devem acrescentar um texto explicatório em notas de rodapé, não nos títulos. Explicar todas as abreviações não padronizadas e usar os símbolos que se seguem, em sequência:

*, †, ‡, §, ||, ¶, **, ††, ‡‡, §§, ||||, ¶¶, etc.

Identificar medidas de variações estatísticas, bem como desvio-padrão e erro-padrão. Certificar-se de que cada tabela foi citada no texto.

Se forem usados dados de outra fonte publicada ou não publicada, obter permissão e conhecimento integral daquela fonte.

Tabelas adicionais contendo dados muito extensos para publicação impressa devem ser disponibilizadas para publicação na versão eletrônica da revista, depositada em um serviço de arquivo ou estar disponível para leitores diretamente pelos autores. Um informação apropriada deverá ser acrescentada ao texto para informar aos leitores que essa informação adicional está disponível e onde ela está localizada. Submeter essas tabelas para considerações juntamente com o artigo a fim de que eles possam estar disponíveis para os revisores.

Ilustrações (Figuras)

Figuras devem ser tanto desenhadas como fotografadas ou submetidas à impressão digital de qualidade. Em adição ao requerimento de uma versão das figuras disponível para impressão, algumas revistas atualmente têm solicitado aos autores arquivos eletrônicos das figuras em um formato (JPEG ou GIF, por exemplo) que produzirá imagens de alta qualidade na versão Web da revista; autores deverão revisar as imagens desses arquivos na tela do computador antes de as submeterem para terem certeza de que elas mantêm seu padrão de qualidade.

Radiografias, tomografias computadorizadas ou outras imagens diagnósticas, bem como figuras de peças patológicas ou fotomicrografias, enviá-las impressas em papel brilhante, preto e branco ou coloridas, usualmente de tamanho 127 x 173 mm (5 x 7 polegadas). Apesar de algumas revistas refazerem as figuras, muitas não o fazem. Letras, números e símbolos em figuras deverão, portanto, serem claras e uniformes do começo ao fim, e grandes o suficiente para se manterem legíveis quando a figura for reduzida para publicação. Figuras deverão ser feitas de forma a serem as mais autoexplicativas possíveis, uma vez que muitas serão usadas diretamente em apresentações de slides. Títulos e explicações detalhadas pertencem a legendas, não às ilustrações.

Fotomicrografias deverão ter marcas de escalas internas. Símbolos, setas ou letras usadas em fotomicrografias deverão contrastar com o fundo.

Fotografias de pessoas potencialmente identificáveis deverão vir acompanhadas de uma permissão por escrito para o uso da fotografia.

Figuras deverão ser numeradas consecutivamente de acordo com a ordem com que elas são citadas no texto. Se uma figura tiver sido publicada previamente, creditar à fonte original, e disponibilizar uma autorização por escrito do detentor dos direitos autorais para documentos em domínio público.

Para ilustrações coloridas, verificar se a revista solicita os negativos, transparências positivas ou impressões coloridas. Desenhos feitos para indicar a região a ser reproduzida podem ser úteis para o editor. Algumas revistas publicam ilustrações coloridas somente se o autor paga pelos custos adicionais.

Autores deverão consultar as revista sobre requerimentos para figuras submetidas em formatos eletrônicos.

Legendas para ilustrações (figuras)

Escrever ou imprimir legendas para ilustrações usando espaço duplo, começando com uma página separada, com numeral arábico correspondente às ilustrações. Quando símbolos, setas, números ou letras são usadas para identificar partes das ilustrações, identificar e explicar cada uma claramente na legenda. Explicar a escala interna e identificar o método de coloração nas fotomicrografias.

Unidades de medida

A medidas de tamanho, peso e volume deverão ser apresentadas em unidades métricas (metro, quilômetro ou litro) ou em seus múltiplos decimais.

Temperaturas deverão ser apresentadas em graus Celsius. Pressão sanguínea deverá ser apresentada em milímetros de mercúrio, a não ser que outra unidade específica seja requerida pela revista.

Revistas variam sobre as unidades a que elas usam para medidas hematológicas, químicas, dentre outras. Os autores devem consultar a Informação para autores da revista em questão e devem apresentar informação laboratorial tanto no sistema local como no Sistema Internacional de Unidades (SI). Editores podem requerer que autores adicionem unidades alternativas ou não SI., uma vez que unidades SI não são universalmente usadas. Concentrações de fármacos podem ser apresentadas tanto no SI como em unidades de massa, mas a unidade alternativa deve ser apresentada entre parênteses, onde apropriado.

Abreviações e Símbolos

Usar somente abreviações padronizadas; usar abreviações não padronizadas pode confundir os leitores. Evitar abreviações no título do manuscrito. O termo completo seguido da abreviação entre parênteses deve ser usado como primeira menção, a não ser que a abreviação seja uma unidade padrão da medida

O tópico a seguir constitui-se no quesito **Normas para Referência da NLM**.¹⁸

Referências

Artigos em Revistas

1) *Artigo Padrão*

Listar os primeiros seis autores seguidos de *et al* (nota: NLM agora lista todos os autores.)

Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. *N Engl J Med*. 2002 Jul 25;347(4):284-7.

Como uma opção, se a revista traz uma paginação contínua através de um volume (como muitas revistas médicas fazem), o mês e a edição podem ser omitidos.

Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. *N Engl J Med*. 2002;347:284-7.

Mais que seis autores:

Rose ME, Huerbin MB, Melick J, Marion DW, Palmer AM, Schiding JK, et al. Regulation of interstitial excitatory amino acid concentrations after cortical contusion injury. *Brain Res*. 2002;935(1-2):40-6.

Adição opcional de um identificador único de banco de dados para a citação.

Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. *N Engl J Med*. 2002 Jul 25;347(4):284-7. PubMed PMID: 12140307.

Adição opcional de número de registro de um ensaio clínico.

Trachtenberg F, Maserejian NN, Soncini JA, Hayes C, Tavares M. Does fluoride in compomers prevent future caries in children? *J Dent Res*. 2009 Mar;88(3):276-9. PubMed PMID: 19329464. ClinicalTrials.gov registration number: NCT00065988.

2) *Organização como autor*

Diabetes Prevention Program Research Group. Hypertension, insulin, and proinsulin in participants with impaired glucose tolerance. *Hypertension*. 2002;40(5):679-86.

3) *Organização e autores como autor*

Vallancien G, Emberton M, Harving N, van Moorselaar RJ; Alf-One Study Group. Sexual dysfunction in 1,274 European men suffering from lower urinary tract symptoms. *J Urol*. 2003;169(6):2257-61.

4) *Sem autor*

21st century heart solution may have a sting in the tail. *BMJ*. 2002;325(7357):184.

¹⁸ Em caso de dúvida, consultar: www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html.

5) *Artigo não em inglês*

Ellingsen AE, Wilhelmsen I. Sykdomsangst blant medisin- og jusstudenter. Tidsskr Nor Laegeforen. 2002;122(8):785-7. Norwegian.

Tradução opcional do título do artigo(usado peloMEDLINE/Pubmed)

Ellingsen AE, Wilhelmsen I. [Disease anxiety among medical students and law students]. Tidsskr Nor Laegeforen. 2002 Mar 20;122(8):785-7. Norwegian.

6) *Volume com suplemento*

Glauser TA. Integrating clinical trial data into clinical practice. Neurology. 2002;58(12 Suppl 7):S6-12

7) *Publicação com suplemento*

Glauser TA. Integrating clinical trial data into clinical practice. Neurology. 2002;58(12 Suppl 7):S6-12.

8) *Volume com parte*

Abend SM, Kulish N. The psychoanalytic method from an epistemological viewpoint. Int J Psychoanal. 2002;83(Pt 2):491-5.

9) *Publicação com parte*

Ahrar K, Madoff DC, Gupta S, Wallace MJ, Price RE, Wright KC. Development of a large animal model for lung tumors. J Vasc Interv Radiol. 2002;13(9 Pt 1):923-8.

10) *Publicação sem volume*

Banit DM, Kaufer H, Hartford JM. Intraoperative frozen section analysis in revision total joint arthroplasty. Clin Orthop. 2002;(401):230-8.

11) *Sem volume ou edição*

Outreach: bringing HIV-positive individuals into care. HRSA Careaction. 2002 Jun:1-6.

12) *Paginação em numerais romanos*

Chadwick R, Schuklenk U. The politics of ethical consensus finding. Bioethics. 2002;16(2):iii-v.

13) *Tipo de artigo indicado como deve*

Lofwall MR, Strain EC, Brooner RK, Kindbom KA, Bigelow GE. Characteristics of older methadone maintenance (MM) patients [abstract]. Drug Alcohol Depend. 2002;66 Suppl 1:S105.

14) Artigo contendo retratação

Feifel D, Moutier CY, Perry W. Safety and tolerability of a rapidly escalating dose-loading regimen for risperidone. *J Clin Psychiatry*. 2002;63(2):169. Retraction of: Feifel D, Moutier CY, Perry W. *J Clin Psychiatry*. 2000;61(12):909-11.

Artigo contendo retratação parcial

Starkman JS, Wolter C, Gomelsky A, Scarpero HM, Dmochowski RR. Voiding dysfunction following removal of eroded synthetic mid urethral slings. *J Urol*. 2006 Sep;176(3):1040-4. Partial retraction in: Starkman JS, Wolder CE, Gomelsky A, Scarpero HM, Dmochowski RR. *J Urol*. 2006 Dec;176(6 Pt 1):2749.

15) Artigo retradado

Feifel D, Moutier CY, Perry W. Safety and tolerability of a rapidly escalating dose-loading regimen for risperidone. *J Clin Psychiatry*. 2000;61(12):909-11. Retraction in: Feifel D, Moutier CY, Perry W. *J Clin Psychiatry*. 2002;63(2):169.

Artigo parcialmente retratado

Starkman JS, Wolter C, Gomelsky A, Scarpero HM, Dmochowski RR. Voiding dysfunction following removal of eroded synthetic mid urethral slings. *J Urol*. 2006 Sep;176(3):1040-4. Partial retraction in: Starkman JS, Wolder CE, Gomelsky A, Scarpero HM, Dmochowski RR. *J Urol*. 2006 Dec;176(6 Pt 1):2749.

16) Artigo republicado com correções

Mansharamani M, Chilton BS. The reproductive importance of P-type ATPases. *Mol Cell Endocrinol*. 2002;188(1-2):22-5. Corrected and republished from: *Mol Cell Endocrinol*. 2001;183(1-2):123-6.

17) Artigo com errata publicada

Malinowski JM, Bolesta S. Rosiglitazone in the treatment of type 2 diabetes mellitus: a critical review. *Clin Ther*. 2000;22(10):1151-68; discussion 1149-50. Erratum in: *Clin Ther*. 2001;23(2):309.

18) Artigo publicado eletronicamente antes da versão impressa

Yu WM, Hawley TS, Hawley RG, Qu CK. Immortalization of yolk sac-derived precursor cells. *Blood*. 2002 Nov 15;100(10):3828-31. Epub 2002 Jul 5.

Livros e outras Monografias*19) Autor pessoal*

Murray PR, Rosenthal KS, Kobayashi GS, Pfaller MA. *Medical microbiology*. 4th ed. St. Louis: Mosby; 2002.

20) *Editor(es), compilador(es) como autor*

Gilstrap LC 3rd, Cunningham FG, VanDorsten JP, editors. Operative obstetrics. 2nd ed. New York: McGraw-Hill; 2002.

21) *Autor(es) e Editor(es)*

Breedlove GK, Schorfheide AM. Adolescent pregnancy. 2nd ed. Wiecezorek RR, editor. White Plains (NY): March of Dimes Education Services; 2001.

22) *Organização(ões) como autor(es)*

Advanced Life Support Group. Acute medical emergencies: the practical approach. London: BMJ Books; 2001. 454 p.

National Lawyer's Guild AIDs Network (US); National Gay Rights Advocates (US). AIDS practice manual: a legal and educational guide. 2nd ed. San Francisco: The Network; 1988.

23) *Capítulo de livro*

Meltzer PS, Kallioniemi A, Trent JM. Chromosome alterations in human solid tumors. In: Vogelstein B, Kinzler KW, editors. The genetic basis of human cancer. New York: McGraw-Hill; 2002. p. 93-113.

24) *Procedimentos de Conferência*

Harnden P, Joffe JK, Jones WG, editors. Germ cell tumours V. Proceedings of the 5th Germ Cell Tumour Conference; 2001 Sep 13-15; Leeds, UK. New York: Springer; 2002.

25) *Artigo de Conferência*

Christensen S, Oppacher F. An analysis of Koza's computational effort statistic for genetic programming. In: Foster JA, Lutton E, Miller J, Ryan C, Tettamanzi AG, editors. Genetic programming. EuroGP 2002: Proceedings of the 5th European Conference on Genetic Programming; 2002 Apr 3-5; Kinsdale, Ireland. Berlin: Springer; 2002. p. 182-91.

26) *Relatório Técnico ou científico*

Publicação por agência financiadora/patrocinadora

Yen GG (Oklahoma State University, School of Electrical and Computer Engineering, Stillwater, OK). Health monitoring on vibration signatures. Final report. Arlington (VA): Air Force Office of Scientific Research (US), Air Force Research Laboratory; 2002 Feb. Report No.: AFRLSRBLTR020123. Contract No.: F496209810049.

Publicação por agências de execução

Russell ML, Goth-Goldstein R, Apte MG, Fisk WJ. Method for measuring the size distribution of airborne Rhinovirus. Berkeley (CA): Lawrence Berkeley National Laboratory, Environmental Energy Technologies Division; 2002 Jan. Report No.: LBNL49574. Contract No.: DEAC0376SF00098. Sponsored by the Department of Energy.

27) Dissertação

Borkowski MM. Infant sleep and feeding: a telephone survey of Hispanic Americans [dissertation]. Mount Pleasant (MI): Central Michigan University; 2002.

28) Patente

Pagedas AC, inventor; Ancel Surgical R&D Inc., assignee. Flexible endoscopic grasping and cutting device and positioning tool assembly. United States patent US 20020103498. 2002 Aug 1.

Outros materiais publicados

29) Artigos em jornais

Tynan T. Medical improvements lower homicide rate: study sees drop in assault rate. The Washington Post. 2002 Aug 12;Sect. A:2 (col. 4).

30) Material audiovisual

Chason KW, Sallustio S. Hospital preparedness for bioterrorism [videocassette]. Secaucus (NJ): Network for Continuing Medical Education; 2002.

31) Material jurídico

Publicação de lei

Veterans Hearing Loss Compensation Act of 2002, Pub. L. No. 107-9, 115 Stat. 11 (May 24, 2001).

Códigos das Regulações Federais

Cardiopulmonary Bypass Intracardiac Suction Control, 21 C.F.R. Sect. 870.4430 (2002).

Audiência

Arsenic in Drinking Water: An Update on the Science, Benefits and Cost: Hearing Before the Subcomm. on Environment, Technology and Standards of the House Comm. on Science, 107th Cong., 1st Sess. (Oct. 4, 2001).

32) Mapa

Pratt B, Flick P, Vynne C, cartographers. Biodiversity hotspots [map]. Washington: Conservation International; 2000.

33) Dicionário e referências similares

Dorland's illustrated medical dictionary. 29th ed. Philadelphia: W.B. Saunders; 2000. Filamin; p. 675.

Material não publicado

34) No prelo ou a publicar

(nota: NML prefere o termo “a publicar” do que “no prelo” porque nem todos os itens serão impressos).

Tian D, Araki H, Stahl E, Bergelson J, Kreitman M. Signature of balancing selection in Arabidopsis. Proc Natl Acad Sci U S A. Forthcoming 2002.

Material eletrônico

35) CD-ROM

Anderson SC, Poulsen KB. Anderson's electronic atlas of hematology [CD-ROM]. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2002.

36) Artigo de revista na internet

Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12];102(6):[about 1 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>Article.

Apresentação opcional (omitir frase entre parênteses que qualifique a abreviação do título da revista)

Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12];102(6):[about 1 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>Article.

Artigo publicado eletronicamente antes da versão impressa
Ver item 18.

Formatos opcionais usados pela NLM em MEDLINE/PubMed:

- Artigo com número de documento no lugar de paginação tradicional

Williams JS, Brown SM, Conlin PR. Videos in clinical medicine. Blood-pressure measurement. N Engl J Med. 2009 Jan 29;360(5):e6. PubMed PMID: 19179309.

- Artigo com identificador digital (DOI)

Zhang M, Holman CD, Price SD, Sanfilippo FM, Preen DB, Bulsara MK. Comorbidity and repeat admission to hospital for adverse drug reactions in older adults: retrospective cohort study. BMJ. 2009 Jan 7;338:a2752. doi: 10.1136/bmj.a2752. PubMed PMID: 19129307; PubMed Central PMCID: PMC2615549.

- Artigo com um único item identificador do editor (pii) no lugar da paginação tradicional ou DOI

Tegnell A, Dillner J, Andrae B. Introduction of human papillomavirus (HPV) vaccination in Sweden. Euro Surveill. 2009 Feb 12;14(6). pii: 19119. PubMed PMID: 19215721.

37) Monografia na Internet

Foley KM, Gelband H, editors. Improving palliative care for cancer [Internet]. Washington: National Academy Press; 2001 [cited 2002 Jul 9]. Available from: <http://www.nap.edu/books/0309074029/html/>.

38) Homepage/Website

Cancer-Pain.org [Internet]. New York: Association of Cancer Online Resources, Inc.; c2000-01 [updated 2002 May 16; cited 2002 Jul 9]. Available from: <http://www.cancer-pain.org/>.

39) Parte de uma Homepage/Website

American Medical Association [Internet]. Chicago: The Association; c1995-2002 [updated 2001 Aug 23; cited 2002 Aug 12]. AMA Office of Group Practice Liaison; [about 2 screens]. Available from: <http://www.ama-assn.org/ama/pub/category/1736.html>.

40) Banco de dados na Internet

Banco de dados em uso

Who's Certified [Internet]. Evanston (IL): The American Board of Medical Specialists. c2000 - [cited 2001 Mar 8]. Available from: <http://www.abms.org/newsearch.asp>.

Banco de dados encerrado

Jablonski S. Online Multiple Congenital Anomaly/Mental Retardation (MCA/MR) Syndromes [Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US); c1999 [updated 2001 Nov 20; cited 2002 Aug 12]. Available from: http://www.nlm.nih.gov/archive//20061212/mesh/jablonski/syndrome_title.html.

41) Parte de um banco de dados na Internet

MeSH Browser [Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US); 2002 - . Meta-analysis [cited 2008 Jul 24]; [about 2 p.]. Available from: http://www.nlm.nih.gov/cgi/mesh/2008/MB_cgi?mode=&index=16408&view=concept MeSH Unique ID: D017418.

42) Blogs

Holt M. The Health Care Blog [Internet]. San Francisco: Matthew Holt. 2003 Oct - [cited 2009 Feb 13]. Available from: http://www.thehealthcareblog.com/the_health_care_blog/.

Contribuição a um Blog

Mantone J. Head trauma haunts many, researchers say. 2008 Jan 29 [cited 2009 Feb 13]. In: Wall Street Journal. HEALTH BLOG [Internet]. New York: Dow Jones & Company, Inc. c2008 - . [about 1 screen]. Available from: <http://blogs.wsj.com/health/2008/01/29/head-trauma-haunts-many-researchers-say/>

Segue, abaixo, um Modelo de apresentação do Artigo:

Título

Christian Brochua, Marc Ouellette, *

a Centre de Recherche en Infectiologie, CHUQ, pavillon CHUL, 2705 boul. Laurier, Québec, Qué, GIV 4G2 Canada

*Corresponding author: Marc Ouellette, Centre de Recherche en Infectiologie, CHUQ, pavillon CHUL, 2705 boul. Laurier, Québec, Qué, GIV 4G2 Canada. Tel#nnnnnnnnnn, Fax#nnnnnnnn. E-mail:xxxxxxxxx.

Abbreviations: GSH, L-cysteine.

References

[1] Rose ME, Huerbin MB, Melick J, Marion DW, Palmer AM, Schiding JK, et al. Regulation of interstitial excitatory amino acid concentrations after cortical contusion injury. *Brain Res.* 2002;935(1-2):40-6.

[2] Diabetes Prevention Program Research Group. Hypertension, insulin, and proinsulin in participants with impaired glucose tolerance. *Hypertension.* 2002;40(5):679-86.

6 CONCLUSÃO

Caros alunos da Universidade de Itaúna, esperamos que este Manual venha a servir na elaboração de seus trabalhos acadêmicos, desde que ele corresponde a uma visão simplificada e, portanto, modesta, do que hoje se chama de vida acadêmica.

Os trabalhos escritos que se elaboram no âmbito da universidade, seguem um procedimento baseado no método científico, orientado pelo paradigma (KUHN, 2003) da racionalidade (SANTOS, 2006), tão bem apresentado por Descartes (1991), ainda no início da Modernidade, em seus quatro princípios, no Discurso do Método.

Deve-se ter, no entanto, o cuidado de comprovar o que está sendo dito e isto se faz com base nas publicações anteriores, de autores que colocam a disciplina que está sendo trabalhada dentro de um estado da arte, isto é, até o ponto a que se chegou naquela área do conhecimento. O aluno, para poder considerar seu trabalho como atendendo às solicitações da vida acadêmica, precisa estar consciente disto e trabalhar no sentido de corresponder a estas exigências.

Esperamos que este Manual venha a contribuir para uma melhor compreensão do processo de elaboração dos Trabalhos Acadêmicos na Universidade de Itaúna.

A Comissão Organizadora.

REFERÊNCIAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT. Disponível em: <http://www.abnt.org.br/>.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10524**: preparação de folha de rosto de livro. Rio de Janeiro, 1988.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023**. Informação e documentação. Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002a.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10520**. Informação e documentação. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002b.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6028**. Informação e documentação. Resumo. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**. Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos. Apresentação . 3ª Edição. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6027**. Informação e documentação. Sumário. Apresentação . 2ª Edição. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**. Introdução ao Jogo e suas Regras. São Paulo: Ars Poética, 1996.
- AMARAL, Cláudia Tavares; MOREIRA, Glória Maria de Pádua. **Manual de Normalização**. Projeto Aplicado. Trabalho Interdisciplinar. Belo Horizonte: UNATEC/UNA, 2008.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB: UFPB, [s/d].
- CARVALHO, Maria Cecília M. de. (org.). **Construindo o Saber**. Metodologia científica: fundamentos e técnicas. 11 edição. Campinas, São Paulo:Papirus, 2000.
- DESCARTES, René. Discurso do Método. In: **Descartes**. Introdução de Gilles Gaston Granger; Prefácio de Gerard Lebrun e Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 5 edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os Pensadores.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora Graal, [s/d].
- FRANÇA, Junia Lessa ; VASCONCELOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 9 edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FRANÇA, Junia Lessa ; VASCONCELOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 9 edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

IMES. Instituto Metropolitano de Ensino Superior. Metodologia do Trabalho Acadêmico. Faculdade de Tecnologia e Ciências. Educação à Distância. In: **IMES**. Disponível em: <http://www.ead.ftc.br/portal/upload/bacharelado/comuns/01MetodologiadoTrabalhoAcademic-o-UNIASSELVI.pdf>. Acesso em: 26 Dez 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. 8 edição. São Paulo: Perspectiva, 2003. Coleção Debates.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

MOREIRA, Glória M. de P. **Um desenvolvimento humano durável é possível: o papel da educação neste contexto**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

MOREIRA, Glória M. de P. Questão de Método. In: PEREIRA, Maria José; MOREIRA, Glória M. de P. **A pesquisa no curso de Mestrado em Educação e a produção acadêmica dos novos mestres: reflexões para os estudos da educação básica**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

MOREIRA, Glória M. de P. **Introdução à Metodologia Científica: para brasileiros**. Introdução aos conceitos básicos, necessários à elaboração de trabalhos acadêmicos, de acordo com as normas da ABNT, dentro de uma visão tropical desses conceitos. Curitiba: CRV, 2016.

PARANÁ. Tribunal de Justiça do Paraná. Definição de Eventos Científicos. In: **Trbunal de Justiça do Paraná**. Disponível em: http://portal.tjpr.jus.br/c/document_library/get_file?folderId=131716&name=DLFE-5932.pdf. Acesso em: 26 Dez. 2012.

PEREIRA, Maria José; MOREIRA, Glória M. de P. **A pesquisa no curso de Mestrado em Educação e a produção acadêmica dos novos mestres: reflexões para os estudos da educação básica**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

POPPER, Karl R. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Editora da UnB, s/d.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

POZZEBON, Paulo Moacir Godoy (org.). **Mínima Metodológica**. 2ª ed. rev. Campinas/SP: Alínea Editora, 2006.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 31 edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 15 edição. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SANTOS, Airá Manuel Santana dos. **Metodologia do Trabalho Científico**. Material Didático. SIMES, Instituto Mantenedor de Ensino Superior Metropolitano S/C Ltda. Salvador: FTC DIGITAL | CIDADE DIGITAL – 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Como utilizar as palavras alheias**. Apostila distriuída no Curso Argumentação, Estilo, Composição: Introdução à Escrita Acadêmica. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [s/d].

ANEXOS

ANEXO I

O Planejamento da Pesquisa

Um dos movimentos mais importantes para quem pretende realizar uma pesquisa é a sua preparação, o planejamento dos primeiros passos que devem ser feitos.

Já se estabeleceram *objetivos* a serem atingidos, quando da elaboração da *proposta de trabalho*. Durante todo o tempo da realização da pesquisa, estes objetivos devem estar bem à vista, pois senão corre-se o risco de se perder o rumo do trabalho e, pior ainda, se coletar dados que não atendem ao que se perguntou, quando se formulou o *problema* de pesquisa.

Antes de se ir a campo, é necessário organizar o material que já se tem à disposição, textos que tratam do assunto, material ilustrativo, resumos de idéias de especialistas no assunto (fichas de leitura, por exemplo), tudo o que poderia vir a ser necessário quando da abordagem do *universo de pesquisa*. Podemos chamar *universo de pesquisa* aquele conjunto de seres que nos interessam porque têm pelo menos uma característica em comum, sobre a qual queremos investigar.

O ideal é que se organize este material em pastas, com seus devidos nomes etiquetados, para que não se percam as informações já coletadas e nem se misturem tipos de dados de uma mesma pesquisa. “Iniciadas as tarefas de investigação, é necessário preparar não só os instrumentos de observação, mas também o dossiê de documentação relativo à pesquisa: pastas, cadernos, livretos, principalmente fichários” [...] O arquivo deve conter, também, resumos de livros, recortes de periódicos, notas e outros materiais necessários à ampliação de conhecimentos, mas cuidadosamente organizados (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 31).

Antes de se fazer um primeiro contato com o nosso universo de pesquisa, principalmente se ele for pessoas, ou pessoas com determinado grau de responsabilidade no campo de nossa pesquisa, é preciso que se releiam os *textos* dos especialistas no assunto de que vamos tratar, que se esteja bem seguro dos *termos* a serem usados nas entrevistas e nos

contatos de observação (mesmo no caso de apenas se ter que pedir autorização ou licença para permanecer em um determinado local). Uma atitude ingênua ou insegura, um procedimento precipitado ou pouco gentil, dificultará, mais tarde (ou menos naquele momento) a coleta dos dados, produzirá uma interferência que pode invalidar todo o trabalho que se teve até aí.

Embora, muitas vezes, no caso de uma pesquisa qualitativa, se leve em conta aspectos que, numa pesquisa quantitativa seria impensável, como o estado emocional das pessoas envolvidas, seus desejos, seus valores, etc, deve-se procurar manter uma relativa distância dos fatos a serem observados, para que não venham a interferir nos estados emocionais, nossa opinião pessoal a respeito do que estamos estudando.

E, é preciso dizer, assim como os objetivos a serem atingidos devem estar sempre na mente de quem está em campo, para que aproveite toda e qualquer oportunidade de coleta de dados que possam contribuir para a solução do problema investigado, a pesquisa bibliográfica deve permear todo o processo da pesquisa. Muitas vezes, ao voltar de uma ida a campo, o pesquisador sente necessidade de voltar aos textos já lidos, de reler sobre alguns conceitos que interessam à pesquisa.

ANEXO II

Metodologia de Pesquisa

Este termo passou a ter uma conotação mais forte, à medida que a diversidade dos caminhos para a elaboração das pesquisas científicas foi colocando em cheque algumas concepções tradicionais e cartesianas do que seja um trabalho de pesquisa científica.

Se o modelo para a ciência foram as ciências naturais, tendo as matemáticas como instrumento para garantir a exatidão de seus resultados, onde estes eram expressos, em sua maior parte, através de dados quantitativos, claro, hoje dispomos de outros tipos de abordagem da realidade, onde, embora a pretensão de exatidão dos resultados seja ainda a tônica, não se utilizam os dados quantitativos como elementos significativos no contexto da descoberta.

Paulo Moacir Godoy Pozzebon (2004), na obra que organizou, juntamente com outros autores, sobre metodologia de pesquisa e à qual deu o nome de “Mínima Metodológica” (POZZEBON, 2004), isto é, o que, minimamente se necessita fazer para realizar uma pesquisa, nos dá algumas definições do que seja a palavra *método* a que cabe aqui citar:

[...] é essa estratégia, cuidadosamente elaborada, que o pesquisador utiliza para fazer “falarem” os fenômenos que pesquisa, isto é, um caminho ou conjunto de procedimentos que lhe permite obter informações de uma realidade natural ou humana que está estudando. (POZZEBON, 2004, p. 27).

Silvio Sanchez Gamboa (1987), fala da estrutura formal que pode ter uma ciência, distribuindo-a em quatro níveis. Vamos utilizar esta classificação como critério pedagógico de explicação a respeito da importância da escolha consciente da metodologia a ser utilizada:

A estrutura formal de uma ciência compreende quatro níveis: **epistemológico, teórico, metodológico e técnico**. Cada um deles tem relativa autonomia no sistema científico, expressando-se articuladamente no processo de produção do conhecimento científico. (GAMBOA, 1987).

O nível *epistemológico* é, a nosso ver, o primeiro a ser expresso – mesmo que não tenhamos consciência disto -, pois ele vai deixar clara a postura filosófica – em alguns casos, ideológica – do pesquisador. Paulo Moacyr Godoy Pozzebon (2004), ao discorrer sobre os sentidos da palavra *método*, assim define o aspecto *epistemológico*:

Num segundo sentido, o termo é utilizado para indicar a perspectiva epistemológica sob a qual se insere a metodologia de uma pesquisa. Epistemologia é a disciplina da Filosofia que discute o valor do conhecimento produzido por cada uma das ciências, bem como as condições de sua produção e seus critérios de validade. Cada corrente teórica da Epistemologia estabelece suas respostas aos problemas da possibilidade de conhecer o real, bem como aos problemas da objetividade, historicidade, verdade e relatividade do conhecimento científico. A partir dessas respostas, é possível traçar diretrizes para as teorias e os métodos de investigação do real. Por isso, as diferentes correntes epistemológicas representam as matrizes teórico-filosóficas mais amplas dentro das quais se situam as teorias e os métodos. (POZZEBON, 2004, p. 28).

Antes de buscarmos as fontes bibliográficas que vão nos auxiliar e informar dados importantes sobre o conteúdo da pesquisa a ser realizada, é necessário buscar entender, no conteúdo da pergunta feita, a direção que, implicitamente poderá ser dada ao trabalho. O *ponto de partida epistemológico*, ou, dito de outra forma, o *marco teórico* que orientará a investigação todo o tempo, aquele que expressa o nosso ponto de vista *filosófico* sobre a Educação, a realidade que pretendemos estudar, os elementos implicados no conjunto das perguntas feitas sobre o problema inicial.

Mais ou menos conscientes desta posição, damos início à *pesquisa bibliográfica*, lendo os autores que se destacam nesta área do estudo, buscando estar de acordo com as linhas de pesquisa da instituição à qual estamos vinculados e, ainda, orientados pelos professores doutorados na área em questão.

Este é o nível *teórico* de que fala Gamboa (1987), pois a postura *epistemológica* de um trabalho vai ficando cada vez mais clara, à medida que a pesquisa bibliográfica se aprofunda. Entretanto, em cada área, em cada disciplina, em cada assunto, encontram-se já autores consagrados e respeitados pelos seus trabalhos e resultados de pesquisa. É preciso consultá-los, lê-los, mesmo se, no caso da pesquisa a ser feita, a orientação metodológica seja distinta daquela expressa por estes autores.

As diversas posturas *epistemológicas* se evidenciam através das obras dos grandes mestres da filosofia. Por exemplo, no materialismo-dialético, Karl Marx é a referência; assim como, no positivismo lógico, Rudolph Carnap é significativo; ou na fenomenologia, seja Edmund Husserl o seu criador.

Se se vai realizar um trabalho dentro de uma destas posições filosóficas, ou qualquer uma outra, é preciso que façamos uma leitura a respeito delas, pois é este o *março teórico* da pesquisa que estamos realizando; é o embasamento *teórico* ou a fundamentação *teórica*. Paulo Moacyr Godoy Pozzebon (2004) lista algumas destas posições na atualidade:

As principais correntes contemporâneas são o realismo clássico, realismo crítico popperiano, materialismo histórico-dialético, fenomenologia, estruturalismo, empirismo lógico, arqueogenealogia e o paradigma da complexidade. (POZZEBON, 2004, p. 28).

Sugerimos a leitura de Inês Lacerda de Araújo (2003), que vai oferecer um bom descortino destas correntes epistemológicas. Chamamos a atenção aqui para a citação de Silvio Sanchez Gamboa (1987), feita mais acima, onde ele fala da estrutura formal de um trabalho científico e situa o aspecto epistemológico, como sendo o primeiro do qual se deve ter consciência, embora todos os níveis tenham, na realização da pesquisa, igual valor e autonomia. Entretanto, é a partir da postura epistemológica do pesquisador que se pode entender os resultados da pesquisa por ele apresentados.

Ao mesmo tempo, historicamente, ao se estudar o funcionamento e a estrutura do pensamento humano em geral, percebe-se que existem algumas maneiras de tratar os problemas e que estas maneiras determinam, também, a forma como se vai trabalhar na pesquisa educacional. Eis como Paulo Moacyr Godoy Pozzebon (2004) discorre a respeito delas, ao falar do terceiro sentido da palavra *método*, no sentido de forma de *abordagem*:

Um terceiro sentido da palavra “método” é representado pelos modelos lógicos utilizados para investigação da realidade. Os principais dentre eles são os métodos: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. Possuindo, cada um deles, seus próprios pontos de partida e suas próprias etapas de desenvolvimento, traduzem em etapas, logicamente coordenadas, o tipo de aproximação da realidade possibilitada pela correspondente perspectiva epistemológica. (POZZEBON, 2004, p. 28).

Há, ainda, um quarto sentido do termo *método* e que está ligado mais às diversas áreas do conhecimento em que a ciência atua, aos procedimentos de coleta de dados próprios de cada uma delas:

Um quarto sentido do termo “método” designa os arranjos operacionais específicos das diferentes áreas científicas, como aqueles utilizados pelas ciências naturais (método experimental, método estatístico, etc.) e pelas ciências humanas (métodos histórico, comparativo, etnográfico, estatístico, experimental, etc.). Menos abstratos e mais específicos que os anteriores, pretendem dirigir os procedimentos de coleta de dados num domínio delimitado, de modo a obter informações objetivas. Muitas vezes, são utilizados em associações de dois ou mais métodos. (POZZEBON, 2004, p. 30).

Falando especificamente de cada um deles, através do texto de Paulo Moacyr Godoy Pozzebon (2004, p. 30):

Método histórico: consiste em investigar instituições, acontecimentos e componentes culturais do passado, compreendendo os processos pelos quais se transformaram, para explicar a origem e a formação das sociedades atuais, seus componentes e suas características.

Método etnográfico: é de natureza observacional e procede por meio da descrição minuciosa de aspectos culturais de grupos ou sociedades humanas, com a finalidade de conhecer e compreender sua cultura, estilo de vida e instituições.

Método comparativo: procura compreender melhor o comportamento, a cultura e as instituições humanas pela comparação entre grupos e sociedades, sejam atualmente existentes ou desaparecidos, isolados ou inseridos em conjuntos mais abrangentes.

Método experimental: ao contrário dos anteriores, consiste em provocar a ocorrência do fenômeno a ser estudado, dentro de uma situação em que o efeito de variáveis escolhidas possa ser observado e mensurado. Devido à complexidade dos comportamentos humanos, que envolve inúmeras variáveis, o método experimental tem pequena utilização em ciências humanas.

Método estatístico: procede por redução dos fenômenos a termos quantitativos que, submetidos às operações estatísticas, permitem descrever, com rigor, a presença de determinadas características em uma coletividade. É muito utilizado em ciências humanas, tanto quanto nas naturais.

Vamos recorrer a Marina Marconi e Eva Lakatos (2006, p. 31), para completar: “Nas investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todos os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes, há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente”.

E continuamos, distinguindo *método* de *técnicas*, que podemos definir como “...os procedimentos concretos, que põem o pesquisador em contato com os fenômenos” (POZZEBON, 2004, p. 27).

a) Os instrumentos de pesquisa

Como já foi dito, ao formular o problema e estabelecer os objetivos da pesquisa a ser feita, de certa forma, já se delineiam os métodos e técnicas a serem utilizados. Como dizem Marina Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2006, p. 30):

A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação.

Elas falam da especificidade dos instrumentos a serem utilizados, nos diversos aspectos que envolvem a realização de uma investigação científica:

Tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato. (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 31).

Suely Ferreira Deslandes, no capítulo que escreveu para o livro organizado por Maria Cecília de Souza Minayo (2004) sobre a construção do projeto de pesquisa em ciências sociais, enumera alguns aspectos importantes em relação à função da metodologia no processo de investigação:

A metodologia não só contempla a fase de exploração do campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados (MINAYO, 2004, p. 43).

Define, ainda, sinteticamente, o que considera os principais elementos da metodologia, em se tratando de pesquisa qualitativa:

- a) *Definição da amostragem.* A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Uma pergunta importante neste item é “quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema investigado?” A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (Minayo, 1992).
- b) *Coleta de dados.* Devemos definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, história de vida) como para a pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta a anuários, censos. Geralmente se requisita que seja anexado ao projeto o roteiro dos instrumentos utilizados em campo.
- c) *Organização e análise de dados.* Devemos descrever com clareza como os dados serão organizados e analisados. Por exemplo, as análises de conteúdo, de discurso, ou análise dialética são procedimentos possíveis para a análise a interpretação dos dados e cada uma destas modalidades preconiza um tratamento diferenciado para a organização e sistematização dos dados. (MINAYO, 2004, p. 43).

Uma observação importante a ser feita, que diz respeito a qualquer tipo de pesquisa, seja ela quantitativa ou qualitativa, é sobre a necessidade de se utilizar o teste preliminar ou pré-teste, depois que se estabeleceram os instrumentos de pesquisa. Ele consiste em se utilizar os instrumentos de pesquisa em uma pequena parcela da população a ser investigada. “Seu objetivo, portanto, é verificar até que ponto esses instrumentos têm, realmente, condições de garantir resultados isentos de erros” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 32). Algumas exigências devem ser levadas em consideração, se queremos que tenha características de um verdadeiro trabalho científico: “...fidelidade da aparelhagem, precisão e consistência dos testes; objetividade e validade das entrevistas e dos questionários ou formulários; critério de seleção da amostra” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 32).

b) Técnicas de pesquisa – coleta dos dados

Muitos são os procedimentos para a coleta de dados. Tais procedimentos, que podemos também chamar de *técnicas*, variam de acordo com as circunstâncias em que se realiza a pesquisa - entre elas, a postura *epistemológica* do investigador -, ou com o tipo de investigação.

São procedimentos, modos de fazer, utilizados para obter informações das fontes pesquisadas. Não substituem os métodos, mas são escolhidas justamente para efetivá-los, isto é, para percorrer as etapas do método escolhido. (POZZEBON, 2004, p.30)

Chamamos de *técnicas*, tanto aqueles procedimentos escolhidos a partir dos tipos de fontes de dados: “São consideradas técnicas tanto as diferentes formas de pesquisa, organizadas a partir dos tipos de fonte de dados (experimental, documental, bibliográfica, observação, estudo de caso, etc.)” (POZZEBON, 2004, p.31),

[...] quanto os recursos e *procedimentos específicos de coleta de dados* (itálico nosso). São exemplos de técnicas, neste segundo sentido, o questionário, o formulário, a observação (direta ou indireta, participante ou não-participante), entrevista (dirigida ou livre), história de vida, sociometria, etc. (POZZEBON, 2004, p.31).

Um instrumento de coleta de dados de grande importância, que tem um papel regulador e orientador no processo (dependente, é claro, da orientação teórica do projeto de pesquisa), são os *protocolos*:

[...] são os instrumentos de coleta de dados construídos, especificamente, para uma pesquisa, seguindo o modelo da técnica escolhida. Por exemplo: se a técnica escolhida para executar em levantamento de intenções de voto for um formulário, o conjunto de perguntas a serem feitas para aquela pesquisa, relativa a uma certa eleição, forma seu protocolo. (POZZEBON, 2004, p.31).

Vejam, a seguir, os diversos tipos de técnicas de coletas de dados:

Coleta documental – “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser recolhidas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (LAKATOS ; MARCONI, 2006, p. 62).

1) Documentação direta:

Além da Pesquisa Bibliográfica e da Pesquisa Documental, pode-se realizar uma coleta de dados por *documentação direta*: “ A documentação direta constitui-se, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Esses dados podem ser obtidos de duas maneiras: por meio da pesquisa de campo ou da pesquisa de laboratório” (LAKATOS ; MARCONI, 2006, p. 62).

a) *Pesquisa de campo*: é quando se vai ao local onde presumivelmente ocorre algo que está ligado ao interesse despertado pelo nosso problema de pesquisa, para o qual estamos procurando uma resposta. Por exemplo, se queremos observar a atividade das formigas cabeçudas em dia de chuva, este será o campo de nossa pesquisa: um local delimitado, onde se pode observar a atividade das formigas deste tipo e que seja em época de chuva. Ou, ainda, se pretendemos conhecer as reações da clientela de um supermercado em relação às novas promoções que determinada marca de cosméticos está realizando, temos que estar em contato com esta clientela em um determinado espaço, neste supermercado, durante um determinado número de dias ou semanas, conforme estiver planejado.

É fundamental que se tome conhecimento, para o sucesso do nosso Projeto Interdisciplinar, do que dizem a Lakatos e Marconi (2006, p. 83) sobre a pesquisa de campo:

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa.

Estabelecem-se, a partir daí, as técnicas que se vai utilizar, para coletar aquele tipo de dado de que se necessita para chegar a solucionar o problema que foi colocado. São tipos de pesquisa de campo: Quantitativo-Descritivas, Exploratórias, Experimentais.

b) *Pesquisa de Laboratório*: é um tipo de levantamento de dados mais controlado, feito em ambiente fechado ou ao ar livre, ou ainda em ambientes artificiais, isto é, situações criadas para tal fim, dependendo do campo da ciência que as está realizando.

2 *Observação direta intensiva*

a) *Observação* – é o que diz a palavra: observa-se, através dos sentidos, o campo de ação, objeto da pesquisa. É básica, numa pesquisa de campo. Não se observa apenas no

sentido de ver e ouvir, mas também examinam-se os fatos e ocorrências que se pretende estudar. É uma técnica fundamental para a Antropologia (LAKATOS, MARCONI, 2006).

Encontramos diversos tipos de Observação:

assistemática (casual, espontânea);

sistemática (planejada, controlada);

não participante (o pesquisador, embora estudando o grupo, entra em contato com ela, mas não interage com a mesma);

participante (o pesquisador participa da vida da comunidade objeto da pesquisa, se incorpora a ela);

individual (feita por apenas um pesquisador);

em equipe ((mais aconselhável que a individual, para evitar distorções subjetivas);

na vida real (acompanhar o evento enquanto ele ocorre, no local)

em laboratório (“O uso de instrumentos adequados possibilita a realização de observações mais refinadas do que aquelas proporcionadas apenas pelos sentidos” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 92). Perdem-se, no entanto, aspectos que, pela situação artificial criada, são eliminados já pelas circunstâncias)

b) Entrevista - “...é o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional [...] Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporcional ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 92). Esta técnica é muito utilizada na pesquisa social, ajudando no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Serve, ainda, para entender aspectos que, sem o contato humano, ficariam escondidos pelas circunstâncias da coleta de dados. É usada pela Antropologia, Sociologia, Psicologia Social, Política, Jornalismo, Serviço Social, Pesquisas de Mercado, Relações Públicas, Pesquisas de Opinião, etc.

São tipos de Entrevistas:

padronizada ou estruturada (o pesquisador cria um roteiro, elabora previamente as perguntas que pretende fazer ao entrevistado);

despadronizada ou não estruturada (estabelece-se uma conversação informal, onde aparecem as questões a serem tratadas, com perguntas abertas e a conversa é do tipo informal);

painel (“consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 94)).

Quando se trata da realização de Entrevistas, como técnica a ser utilizada, Lakatos e Marconi (2006, p. 95) tratam dessa maneira:

A preparação da entrevista é uma etapa importante da pesquisa: requer tempo(o pesquisador deve ter uma ideia clara da informação de que necessita) e exige algumas medidas:

- a. Planejamento da entrevista: deve ter um vista o objetivo a ser alcançado.
- b. Conhecimento prévio do entrevistado: objetiva conhecer o grau de familiaridade dele com o assunto.
- c. Oportunidade da entrevista: marcar com antecedência a hora e o local, para assegurar-se de que será recebido.
- d. Condições favoráveis: garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade.
- e. Contato com líderes: espera-se obter maior entrosamento com o entrevistado e maior variabilidade de informações.
- f. Conhecimento prévio do campo: evita desencontros e perda de tempo.
- g. Preparação específica: organizar roteiro ou formulário com as questões importantes.

3 Observação direta extensiva

a) *Questionário* – esta técnica de pesquisa, ou instrumento de coleta de dados, se caracteriza por uma lista de perguntas, ordenadas em um determinado sentido, que devem ser respondidas na ausência do pesquisador e por escrito. Este procedimento de coleta de dados supõe um contato distante do pesquisador com o pesquisado, muitas vezes, este questionário chega a este pelo correio ou por um portador e, respondido, segue o mesmo caminho de volta até o pesquisador. Deve acompanhá-lo uma carta, explicando sobre a pesquisa, sua importância e apresentando argumentos que motivem o pesquisado a responder as questões e reenviá-las num prazo de tempo razoável (LAKATOS; MARCONI, 2006). As respostas positivas, isto é, a devolução do questionário respondido, em geral, corresponde a 25 % da quantidade expedida pelo responsável pela coleta dos dados. Daí se pensar que se deve expedir um número suficiente de questionários, para que a coleta de dados não perca a sua credibilidade, mesmo correndo o risco de apenas 25% dos questionários serem respondidos.

Com relação aos cuidados na elaboração do questionário, Lakatos e Marconi (2006, p.99) assim se expressam:

O processo de elaboração é longo e complexo: exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os *objetivos geral e específicos*.

Não devem ser muito extensos, nem muito limitados; devem indicar a entidade ou instituição que patrocina a pesquisa e deve oferecer instruções claras e notas explicativas, facilitando a compreensão, pelo pesquisado, do que se deseja dele.

b) O *pré-teste*: antes de ser aplicado às pessoas que fazem parte do universo de pesquisa, é preciso que teste o questionário. Escolhe-se uma pequena parte da população a ser pesquisada e aplica-se a ela o questionário. Muitas vezes, através deste teste, pode-se detectar inconsistências e impropriedades de algumas questões, perguntas desnecessárias, etc. E se pode, assim, antes de realizar a pesquisa, reformular o questionário.

O pré-teste ser também para verificar se o questionário apresenta três importantes elementos:

a. *Fidedignidade*. Qualquer pessoa que o aplique obterá sempre os mesmos resultados.

b. *Validade*. Os dados recolhidos são necessários à pesquisa.

c. *Operatividade*. Vocabulário acessível e significado claro (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 100).

c) *Formulário* – é um instrumento muito utilizado pela pesquisa social, que se caracteriza como uma lista, um inventário, um catálogo, destinado à coleta de dados, que pode reunir tanto dados de observação, quanto de interrogatório e cujo preenchimento é feito pelo pesquisador, à medida que vai obtendo as informações ou, ainda, pelo pesquisado, orientado pelo pesquisador (LAKATOS; MARCONI, 2006). Este tipo de técnica se apresenta com um maior grau de adaptação às condições de realização da pesquisa.

d) *Medidas de opinião e atitudes* – com relação a este instrumento de coleta de dados ou técnica, é preciso esclarecer em que consiste exatamente o processo. Em primeiro lugar, considera-se que os objetos têm atributos mensuráveis e, ao atribuir um número a este objeto, estamos lhe dando uma medida. “É um instrumento de ‘padronização’, por meio do qual se pode assegurar a equivalência entre objetos de diferentes origens” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 114). Em segundo lugar, considera-se *atitude* como uma disposição que um sujeito tem, em relação a praticar uma possível ação, por razões diversas: educação, experiência anterior, etc.. Em terceiro lugar, a *opinião* se caracteriza pela expressão oral ou em forma de postura, que conscientemente alguém manifesta. “É um modo de ver, considerado verdadeiro,

a que se chegou por meio de processos intelectuais, mas sem a comprovação necessária” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 114). Na opinião predominam aspectos relacionados ao conhecimento que se tem de determinada coisa. Em quarto lugar, *escala* é um instrumento científico de observação e medida de certos fenômenos sociais. Pretendeu-se, com a sua concepção, medir, da forma mais objetiva possível, a intensidade das atitudes e opiniões; faz-se isto, estabelecendo índices de atitudes, avaliados quantitativamente em relação uns aos outros.

Há escalas (ou podem ser construídas) escalas para medir atitudes e opiniões sobre os mais diferentes fatos: guerra, conflito, greves, problemas raciais, pena capital, instituições, idéias políticas, controle de natalidade, censura, observância religiosa, etc. (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 115).

e) Técnicas mercadológicas – A pesquisa de mercado é uma forma organizada de produção de informações sobre o funcionamento do mercado, de tal modo que se possa oferecer seus resultados às empresas em fase de processos de decisão, procurando minimizar a possibilidade de erros.

A pesquisa mercadológica utiliza os mesmos procedimentos metodológicos das ciências sociais. Em geral, processa-se o levantamento de dados por amostragem, sendo o universo formado pelo consumidor final. Em outros casos pode ser o intermediário, os estabelecimentos comerciais, a indústria, etc. (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 143).

Tipos de pesquisa mercadológica:

teste de produto (verifica-se a preferência dos consumidores), *pesquisa de audiência* (orientam a escolha de onde se vai alocar as verbas de veiculação);

store-audit (“Os dados não são obtidos por meio de entrevistas, mas da observação e registro, [...] contam-se os estoques dos produtos estudados, existentes nas lojas, em períodos sucessivos, e verificam-se, por meio das notas fiscais [...] as entradas de mercadorias na loja” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 144));

discussão em grupo (é efetuada com um pequeno grupo de consumidores uma discussão, orientada para um determinado fim por um moderador, no sentido de se fazer uma estimativa prévia sobre a avaliação, por exemplo, de um novo produto, ou da aceitação de um programa de televisão, levantando hipóteses e pontos de interesse para uma futura pesquisa mais ampla);

desk research (é uma pesquisa interna, realizada para informação de gabinete, combinando dados já existentes e, algumas vezes dispersos e heterogêneos, associando-os a informações do IBGE, FGV, etc.).

f) *Testes* – São instrumentos através dos quais se pretende medir o rendimento, a capacidade, a competência ou a conduta de indivíduos, sendo eles caracterizados como de forma quantitativa. Há uma grande diversidade de testes, variando de acordo com os objetivos que se tem a atingir e a disciplina que orienta sua aplicação:

testes projetivos (Teste de Rorschach, T.A.T., que estuda a reação do indivíduo diante de uma dada situação ou significado particular);

testes psicológicos (estudam certos aspectos da conduta dos indivíduos, como os de rendimento, que procuram medir a capacidade que o indivíduo tem de aprender, etc.);

testes de aptidão (se propõem a fazer previsões a respeito da capacidade de rendimento de um indivíduo na execução de determinada tarefa, deduzindo-as de acordo com as respostas que este dá às questões de diversos tipos que lhe são apresentadas);

medidas de personalidade (tais permitem medir traços e tendências temperamentais e de personalidade de um indivíduo) ((LAKATOS; MARCONI, 2006).

g) *Sociometria* – “É uma técnica quantitativa que procura explicar as relações pessoais entre indivíduos de um grupo” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 126). Ela dá origem a um *sociograma* relacionado ao grupo estudado, onde se descrevem as preferências, liderança, simpatias e antipatias dos membros deste grupo uns em relação aos outros.

h) *Análise de conteúdo* – É uma técnica de pesquisa que busca, através do que é expresso na comunicação, analisar o conteúdo que se evidencia neste momento e que fica gravado, seja impresso, seja em áudio ou imagem. É uma técnica quantitativa, atualmente utilizada com grande precisão de dados, embora se utilize, também, a mesma técnica de forma qualitativa. Ela é utilizada com mais frequência nas ciências sociais.

A análise de conteúdo é um instrumento de análise sistemática e objetiva, que se serve de um certo número de *categorias* para classificar e destrinchar o conteúdo das comunicações em processo de estudo. Estas categorias são definidas clara e explicitamente, para que possam ser aplicadas ao mesmo conteúdo e se possam tirar conclusões confiáveis.

i) *História de vida* – “História de vida é uma técnica de pesquisa social utilizada pelos antropólogos, sociólogos, psicólogos, educadores e outros estudiosos, como fonte de informação para seus trabalhos “(LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 134). Escolhe-se uma pessoa que tenha um papel significativo em um dado processo, a ser estudado numa pesquisa que está sendo feita e coleta-se dela a experiência vivida que teve, quando de sua participação no mesmo processo. “Para alguns estudiosos esta técnica é indispensável, principalmente na fase inicial da pesquisa, como meio de exploração e flexibilidade, a fim de descobrir os dados mais relevantes e pertinentes ao trabalho científico” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 135). As informações obtidas devem ser confrontadas com dados provenientes de outras fontes.

j) *História Oral* – É uma técnica quase tão antiga quanto a Humanidade. Hoje, os pesquisadores se utilizam da história oral, para coletar dados e informações de um passado recente, que ainda não foi relatado pela história escrita. Ela ajuda a preencher lacunas deixadas pelos documentos escritos, esclarece situações oficialmente delimitadas e pouco exploradas sob outros aspectos sociológicos (como é o caso da situação das mulheres há algumas décadas, quando o história oral levantada pelas feministas, na ocasião, esclareceu, de fato, a situação de dependência e dominação que muitas delas viviam).

Lakatos e Marconi (2006, p. 141) distinguem *história de vida* e *história oral*:

Enquanto a história de vida levanta a vida de uma pessoa, manifestando valores e padrões culturais, a fim de compreender as ações, os conceitos e os significados de atitudes e de comportamentos, a história oral investiga os fatos e acontecimentos registrados na memória de pessoas de destaque na comunidade.

Passamos, agora, a tratar do necessário planejamento da pesquisa, para que tudo ocorra com o máximo de controle possível e se possa obter dados confiáveis através desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAIDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2 Edição. São Paulo: Pioneira, 2001.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à Filosofia da Ciência**. 3ª edição. Curitiba: UFPR, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8 edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**. Estruturas lógicas e tendências. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado em Educação) , Universidade Estadual de Campinas.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa Educacional: quantidade e qualidade**. São Paulo: Editora Cortez, [s/d].

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa**. Uma Introdução. Elementos para uma Análise Metodológica. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2002.

MARCONI, Marina & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6 Edição, ver. E ampl. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MARCONI, Marina & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 6 edição. São Paulo: Atlas.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Abordagens Metodológicas. In: **Revista de Administração**. São Paulo, v. 32, nº 3, p. 5 – 12, julho/setembro 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 23 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

OLIVA, Alberto. **Filosofia da Ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

POZZEBON, Paulo Moacir Godoy (org.). **Mínima Metodológica**. Campinas/SP: Alínea Editora, 2004.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 31 edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 12ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. Formulação do Objetivo geral. In **Metodologia científica**. A construção do conhecimento. 6 edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004, pp. 73 – 75

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22 edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ANEXO III

REDAÇÃO DO TEXTO CIENTÍFICO

Quando se vai escrever alguma coisa em linguagem científica, é preciso que se levem em conta aqueles princípios de Descartes, de que já falamos: E principalmente aquele que diz que não se deve pensar algo e aceitá-lo como verdadeiro se ele não se apresentar ao nosso espírito clara e distintamente.

A forma de escrever deve ser simples, objetiva, buscando expressar o que se quer, com o máximo de clareza e simplicidade, sem grandes rodeios ou o uso de palavras com forte conotação emocional. Procura-se falar o essencial, nem mais, nem menos.

Antes de se dar início à redação do texto, é aconselhável planejar o que vai ser dito, elaborando um *esquema* das ideias mais importantes a serem expressas.

E como são muitas ideias, precisamos ordená-las dentro de uma lógica, que estabelecemos previamente, de acordo com o que pretendemos expor. Ao escrever, vamos seguindo passo a passo o esquema que construímos com as ideias principais a serem expostas, tendo o cuidado de encadeá-las, dentro de uma sequência lógica.

E, à medida que vamos passando de um item a outro, vamos procurando relacionar o que foi dito com o que pretendemos dizer, para criar, para quem está lendo, o mesmo efeito que as ideias fazem em nosso pensamento: existe uma relação entre elas, que é o que nos faz acreditar que podemos argumentar em seu favor.

Outro aspecto importante, precisamos procurar expor, dentro daquele assunto, tudo o que acreditamos – ou que lemos em autores consagrados ou especialistas no assunto – ser necessário dizer, para que se entenda a nossa argumentação. É como diz Descartes (1991), fazer uma relação exaustiva, minuciosa dos aspectos que devem ser abordados.

Quando se trata de um texto acadêmico, não se pode deixar de fundamentar o que se está expondo, em *textos de outros autores*, para que fique claro que lemos sobre o assunto e que estamos a par do desenvolvimento dele dentro da área específica que escolhemos.

Fundamentar significa, ora citar estes autores, indicando, entre parêntesis, que aquele trecho citado é deles. Para isto, existem Normas, da ABNT. No texto *O Texto Científico* já está indicado como fazer as citações. Ou podemos fazer uma paráfrase, conforme já a definimos no início do curso. O texto da paráfrase acompanha todas as idéias expressas no texto de referência, sem dizer mais nada além do que ele diz e deve, ao ser lido, expressar o mesmo conteúdo. Tanto a citação direta, a citação indireta ou a paráfrase são um excelente instrumento na elaboração de um texto para tratar de um assunto, sem que se tenha que falar dele apenas com as nossas ideias.

É importante notar que, ao ler sobre o tema em questão, vamos acrescentar conteúdo ao nosso pensamento, o que certamente retornará na facilidade de expressão que vamos ter, ao redigi-lo.

Não se usam adjetivos ou elogios, sejam eles dirigidos a pessoas ou entidades quaisquer. Fala-se, apenas, dos autores, colocando entre parênteses a data da publicação da obra desse autor citado, de onde se extraíram aquelas ideias.

Os termos com conotação *subjetiva*, colocados no texto para dar a entender que, atrás dele, muitas ideias podem estar expostas, nada significam num texto científico. Às vezes acredita-se que, só por tê-los colocado ali, para quem o lê, ficará claro o que se quer dizer. Só de colocar aquele termos entre *aspas* [...] ou em **negrito** [**pobreza**], ou ainda, em maiúsculas [É PRECISO GRITAR], poderia significar a força afetiva que queremos dar à nossa argumentação. De fato, em um texto acadêmico, é a *clareza* dos termos usados e do encadeamento da argumentação é que vai tornar evidente o propósito de sua utilização.

Se se está se referindo a algo já do domínio público, isto é, que já foi suficientemente ventilado pelos meios de comunicação, pode ser que se pense que já é suficientemente conhecido. Na linguagem científica, o que importa é que se diga *claramente* o que deve ser dito, sem conotação afetiva, emocional ou de forma subentendida, explicando os aspectos que poderiam ser confundidos com outros, de menor valor, mas que também estão sendo objeto de divulgação pela mídia. E é por isso que fundamentamos o que estamos dizendo em especialistas e autores que já falaram sobre o assunto, não em qualquer pessoa ou na nossa opinião pessoal.

Outro aspecto importante, é que, na exposição, deve-se levar em conta a ordem cronológica da História; não se pode comparar um autor do século passado, com um outro

autor, contemporâneo. Sem dúvida, aquele que veio depois é que deve saber da existência das idéias do que nasceu antes.

Se se tiver que fazer uma comparação entre eles, deve-se deixar clara a data de publicação dos respectivos livros (entre parêntesis) e a ordem cronológica entre eles; supõe-se que o mais recente deve ter tomado conhecimento do anterior. Veja o exemplo abaixo:

Outra questão que sempre vem à tona, quando se fala de um texto científico é a preocupação que às vezes as pessoas têm de fazer saber a quem o lê que foram elas que o escreveram. Ou mesmo, acham que devem escrever na primeira pessoa do singular (eu), pois, desta forma, se manifesta a sua originalidade. Ora, para alguém escrever utilizando o verbo na primeira pessoa do singular é porque já é suficientemente conhecido e sua autoridade no assunto é indiscutível. Por exemplo, Humberto Eco, é um intelectual de múltiplas facetas e, hoje, inegavelmente, bastante conhecido em todo o mundo. No caso da quem realiza um trabalho acadêmico, é muito difícil que seja assim. Usa-se, então, uma linguagem impessoal, na terceira pessoa do singular. Isto também ajuda a colocar o leitor numa situação de procurar entender o que está sendo dito, independentemente da personalidade de seu autor.

Considera-se que, em ciência, desde que se está publicando algo, este conhecimento está passando para o *domínio público* e não interessa muito, para quem vai se inteirar do conteúdo do texto escrito e dos conhecimentos que nele estão expressos, quem foi que o escreveu.

Ao mesmo tempo, a autoria do texto fica expressa na assinatura do autor e, mais que isto, na maneira dele tratar os problemas, que, quer se queira ou não é sempre original, pois não existe um só trabalho intelectual humano que se repita, sem que seja copiado, de uma ou de outra maneira.

A forma como o problema é tratado; a maneira como a linguagem é usada para tratar do problema; os recursos de expressão que são utilizados, são próprios de cada pessoa. Aí está a *originalidade* que muitos pensam expressar recorrendo ao pronome “eu”.

Ser criativo, neste caso, já está demonstrado pelo simples fato de ter criado um conhecimento novo e tê-lo expresso dentro das normas de elaboração de um trabalho científico.

Quando se expõem as ideias de um autor, deve-se fazê-lo a partir de uma de suas obras e, sempre que nos referirmos a ele, citando seu nome, deve acompanhá-lo, entre parêntesis, a data de publicação do livro. Segue um exemplo:

A Referência ao autor deve aparecer deste modo no texto e, no final do trabalho, na lista das Referências, elaboradas de acordo com as Normas da ABNT e em ordem alfabética.

É o mínimo que se pode fazer, para alguém que teve a gentileza de expressar suas ideias e colocá-las à disposição da sociedade em uma publicação (publicar é tornar público). Por isso, ao se falar das ideias de um autor, precisa-se ter o cuidado de não misturá-las com as suas. Procurar ser fiel ao que ele disse, mesmo que discordemos delas. Isto é um exercício, em que vamos melhorando à medida em que nos exercitamos. Não é das primeiras vezes que conseguimos exprimir exatamente o que acabamos de ler.

E, se queremos fazer uma crítica a um autor, primeiro precisamos *expor fielmente* as idéias dele, mesmo resumidamente e, em seguida, elaboramos um texto crítico, procurando *ser claro*, isto é, como dizia Descartes (1991), devemos evitar a “[...] precipitação e a prevenção[...]” (DESCARTES, 1991, p. 37). Isto deve ser feito o mais racionalmente possível, mesmo que as consequências do que ele diz sejam de ordem subjetiva: a intenção do texto é justamente deixar claro *o que se pretende criticar*.

Se estamos escrevendo em português, é aconselhável ter como ajuda um bom *dicionário*, pois, muitas vezes, o significado de uma palavra nos foge, precisamos recorrer aos sinônimos dela para encontrarmos aquela que expressa exatamente o que queremos dizer. Isto é muito comum e não é sinônimo de ignorância.

Outra providência a se tomar é, no caso de estarmos falando de épocas históricas diferentes da nossa – ou mesmo um período não muito recente da atualidade –, é bom ter um livro de *história* para consultar, ler um pouco sobre aquela época e o cenário em que se desenrolou a situação histórica que estamos estudando. Ou ainda, a situação histórica da qual se partiu para as grandes mudanças que vêm ocorrendo.

Uma outra coisa é se estamos lendo um autor *clássico*, às vezes fica difícil entendê-lo da primeira vez. É aconselhável que busquemos um outro autor, que nós chamamos de *comentador*, que conhece a fundo a obra do autor clássico e pode nos ajudar a entender melhor os seus conceitos.

Então, escrever um texto que corresponda à *fundamentação teórica* das ideias que pretendemos desenvolver a partir de um *Problema de Pesquisa*, não é escrever variadas coisas a respeito do nosso problema e nem citar muitos autores. Menos ainda copiar um texto grande de alguém ou produzir muitas páginas escritas.

É preciso que haja uma *concatenação de idéias* e que as *citações* apareçam para *fundamentar* o que pretendemos expressar, de modo que o texto fique claro e, ao mesmo tempo, embasado na autoridade de escritores que já foram publicados, dizendo *apenas* o essencial do que sabemos ter que dizer. Vamos saber o que dizer se fizermos uma boa pesquisa bibliográfica – agora num segundo movimento – e nos inteirarmos do que está

expresso nos textos que pesquisamos: “É preciso ter cuidado para que o referencial teórico não consista numa mera compilação de conceitos ou justaposições de pensamentos e opiniões de diferentes autores”. (UNATEC, 2006, p. 7).

Cabe ressaltar que toda produção acadêmica tem o objetivo de sistematizar e/ou registrar um trabalho intelectual e que esse é sempre dirigido ao(s) outro(s). A forma de sua apresentação deve expressar o compromisso do aluno com a sua produção, o respeito para com o(s) leitor(es) e o cumprimento das normas técnicas.

Para finalizar, a título de orientação no que diz respeito a abreviações, não utilize siglas ou abreviaturas sem identificar, primeiro por extenso a que se referem. (Vale lembrar que em trabalhos acadêmicos técnicos e, ou científicos não se faz uma primeira referência a qualquer elemento pela sigla, por mais conhecida que seja, como por exemplo, ABNT. Na primeira vez que aparecer em qualquer texto, deve ser escrito Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mesmo que no início do trabalho conste uma lista de siglas).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**. Introdução ao Jogo e suas Regras. São Paulo: Ars Poética, 1996.

DESCARTES, René. Discurso do Método. In: **Descartes**. Introdução de Gilles Gaston Granger; Prefácio de Gerard Lebrun e Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 5 edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os Pensadores.

UNATEC. **Manual do Projeto interdisciplinar**. UNA, Belo Horizonte, 2006. Manual de orientação sobre o processo de elaboração do Trabalho interdisciplinar na unidade dos cursos tecnológicos da UMA, Belo Horizonte, MG.